Ano III 1.º de Junho de 1957 N.º 24

REVISTA DA CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

CONGREGAVIT NOS IN UNUM CHRISTI AMOR

Os Religiosos e as Religiosas na Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano no Rio de Janeiro
Mons. Antonio Samoré, da Secretaria de Estado 321

Indicações práticas sôbre a Obra Pontifícia das Vocações Religiosas
Pe. Pedro Loret, CssR da S. C. dos Religiosos 333

Os Religiosos e a Ação Católica
Correspondência 336

Como pregar sôbre Deus nas Santas Missões
Pe. Tiago G. Cloin CssR 344

A formação dos jovens Religiosos
Pe. Paulo Bannwarth S. J. 351

Condições e Técnicas do Estudo
Irmão José Otão, Marista 357

Congregação de Nossa Senhora de Sion
Por uma Religiosa de Sion 367

Comunicações
Curso para professoras de jardins da infância e classes preliminares 379
Assistência Popular Educativa ao Litoral — APEL 381
Correspondência das Secções Estaduais da C. R. B. 383
Novas Fundações 384

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA

Propriedade da Conferência dos Religiosos do Brasil
Rua Farani N.º 95 — Rio de Janeiro — Brasil
Diretor Responsável: Pe. Irineu Leopoldino de Souza S. D. B.

OS RELIGIOSOS E AS RELIGIOSAS NA CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO NO RIO DE JANEIRO(*)

Mons. Antônio Samoré Arccb.
Secretário da Sagrada Congregação dos Negócios Eclesiásticos Extraordinários

Introdução

Como é de vosso pleno conhecimento, de 25 de julho a 4 de agôsto de 1955, teve lugar no Rio de Janeiro a Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, à qual participaram representantes do Episcopado de todos aquêles Países, para estudar a fundo o problema "Clero".

O tema que agora me toca desenvolver — os Religiosos e as Religiosas na mencionada Conferência — pode parecer desligado do conjunto dos outros pontos submetidos à vossa consideração e atento estudo nestes dias. Mas não é assim.

Se não existe campo algum de atividade que nos deixe de interessar, por sermos membros do Corpo Místico de Cristo e filhos da mesma Igreja, que se extende até os confins do mundo, muito menos deixará de interessar-vos o Continente Hispano-Americano ao qual, para a solução de seus problemas religiosos, sempre tendes dado uma não indiferente cooperação, como o reconheceram com gratidão os Bispos de lá.

Cito algumas de suas resoluções publicadas, como provàvelmente sabeis, num opúsculo editado meses atrás:

"A Conferência Geral do Episcopado latino-americano aproveita esta solene ocasião para oferecer um tributo de agradecimentos:

a) a todos os Religiosos que dedicaram integralmente sua vida — e muitos em grau heróico — para conquistar à fé de Cristo as terras da América Latina, entre os quais recorda com particular veneração São Francisco Solano, São Pedro Claver, São Luiz Bertran e o Ven. José de Anchieta.

b) a tôdas as Ordens e Congregações Religiosas, Sociedades de

(*) Conferência pronunciada no Congresso Nacional de Perfeição e Apostolado, realizado em Madrid de 23 de setembro a 3 de outubro de 1956.

vida em comum e Institutos Seculares, de homens e mulheres que, seja com o ministério sacerdotal que com a oração, o sacrifício, a catequese, o ensino, as obras de assistência e outras formas de apostolado, trabalham tão eficazmente colaborando pela conservação e incremento da vida cristã no Continente Americano" (1).

E em outros lugares :

"A Conferência aproveita esta solene ocasião para expressar seu agradecimento às Ordens e Congregações Religiosas, às Sociedades de vida em comum e aos Institutos Seculares que em todos os tempos e de uma maneira especial nos últimos anos têm intensificado o envio de seus membros para o Continente Latino-americano" (2).

"A Conferência louva o zêlo apostólico com que os missionários da América Latina — seguindo o nobilíssimo exemplo de seus predecessores — dedicam suas atividades, suas energias e alguns até a própria vida, à santa emprêsa de incorporar à Igreja Católica todos os habitantes das zonas que até agora constituem territórios de missão; e espera com absoluta confiança que continuarão, cada dia com maior entusiasmo, tão apostólica tarefa" (3).

Os Bispos, pois, da América Latina, em cujas circunscrições eclesiásticas trabalhais, em cujas amadas nações sois vós os diretamente responsáveis de tantas populações indígenas a vós confiadas em Prelazias, Vicariatos ou Prefeituras Apostólicas, com íntima emoção vos expressaram seu paternal agradecimento; seja isto título de honra para vossos gloriosos Institutos e de espiritual satisfação para cada um de vós.

I — O tema "Religiosos e Religiosas" no desenvolvimento e nas conclusões da Conferência

Qual é o lugar dos Religiosos no desenvolvimento e nas conclusões da Conferência ?

Um lugar muito destacado.

O tema "Religiosos e Religiosas" teve uma Comissão própria, ou melhor, uma Sessão própria dentro da Primeira Comissão presidida pelo Emmo. Sr. Cardeal D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, e integrada pelos Exmos. e Revmos. Monsenhores Rubén Odio Herrera, Ar-

---

(1) Conclusões da Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano (Rio de Janeiro, 25 de Julho — 4 de agôsto de 1955), núm. 34. Cfr. também a Declaração da Conferência, em "L'Osservatore Romano" de 9 de outubro de 1955.

(2) ib. núm. 29.

(3 ib. núm. 85.

cebispo de São José de Costa Rica, Federico Perez Silva, Bispo de Piura, no Perú; a Sagrada Congregação dos Religiosos enviou importantes documentos, em forma de comunicação; o Emmo. Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro apresentou um tema sôbre as Religiosas, e o Exmo. Sr. Bispo Auxiliar de Buenos Aires outro sôbre "a colaboração dos Religiosos e Religiosas na vida diocesana".

1. União das fôrças religiosas com as diocesanas

Esta foi a primeira conclusão da Conferência Geral, que é como um eco daquele "ut unum sint", aspiração amorosa de Cristo, que deve ter plena realização na união perfeita e na fraterna colaboração entre tôdas as fôrças religiosas ao serviço de Deus e de sua santa Igreja.

Conclusão que encontrará certamente ampla acolhida neste Congresso, que se interessa do apostolado e no qual vibram também pelo mesmo ideal as almas dos zelosos Bispos da América Latina "para uma maior eficiência apostólica".

Consideremos, agora, a doutrina fundamental em que se baseia a conclusão que venho recordando; antes de tudo,

É a **doutrina de Cristo** expressa em sua Oração Sacerdotal : "Ego pro eis rogo . . . pro his quos dedisti mihi; quia tui sunt . . . et hi in mundo sunt . . . Pater sancte, serva eos in nomine tuo, quos dedisti mihi; ut sint unum, sicut et nos . . . Non pro eis autem rogo tantum, sed et pro eis qui credituri sunt per verbum eorum in me; ut omnes unum sint, sicut Tu Pater in me et Ego in Te, ut et ipsi in nobis unum sint; ut credat mundus quia Tu me misisti . . . Ego in eis et Tu in me : ut sint consummati in unum" (4);

É a **doutrina de sua Igreja** desde os Apóstolos e que com as palavras de São Paulo nos atrai: "Etenim in uno spiritu omnes nos baptizati sumus . . . Et omnes in uno spiritu potati sumus . . . Vos autem estis Corpus Christi, et membra de membro" (5), e nos exorta : "Solliciti servare unitatem spiritus in vinculo pacis" (6);

Doutrina que alinha todos os fiéis para a ação, segundo os luminosos ensinamentos do Pontífice felizmente reinante, em mensagem recente e que ficará para sempre célebre: "Não é momento de discutir, de criar novos princípios, de assinalar novos objetivos e metas. Uns e outros já conhecidos e

(4) Jo. XVII, 9, 11, 20-21, 23.
(5) I Cor. XII, 13, 27.
(6) Eph. IV, 3.

aceitos quanto à sua substância, como ensinados pelo mesmo Cristo, esclarecidos pela elaboração secular da Igreja, adatados às circunstâncias atuais pelos últimos Sumos Pontífices, esperam uma só coisa: sua atuação concreta" (7);

Doutrina que vós mesmos, Religiosos e Religiosas, ouvistes repetir do Santo Padre, em um momento histórico de vossa vida, porque assinala o princípio daquele novo período que tem o nome de "Movimento de renovação e adatação dos Estados de perfeição", do qual se pode considerar tenro rebento êste Congresso que estais celebrando. Então o Papa fazia notar: "Haud dubio ad iuris divini praescriptum sacerdos, sive secularis sive religiosus est, ita munia exercere debet sua, ut Episcopo auxiliator adsit et subsit" (8), e exortava : "Facite, ut in vobis nomini consonent mores, congruat professioni tota ratio vitae. Secundum illud Apostoli gentium: "Solliciti servare unitatem spiritus in vinculo pacis" (Eph. 4,3); pax regnet in vobis et inter vos, inter eiusdem nempe Instituti et domus sodales, et cum iis qui ad alia Instituta sunt cooptati; inter vos et omnes alios, qui vobiscum operantur et cum quibus vos operamini ad homines Christo lucri faciendos. Facessant istinc controversiae et discordiae, quae enervant et manca reddunt etiam spei plena incepta: Ecclesia, ut apostolico labore exercendus campus, in immensum patet, operis et sudoris copia nemini deest" (9).

A êste formoso pensamento alude o Santo Padre em um de seus mais recentes discursos, quando deseja para tôda a Igreja, Corpo Místico de Cristo, a mais estreita união : "Os Pastores e a grei — diz — a Igreja que ensina e a Igreja que recebe os ensinamentos, formam um só e único Corpo de Cristo. Por isso não há razão alguma para alimentar desconfianças, rivalidades, oposições abertas e latentes, seja nos pensamentos, seja na maneira de falar e operar. Entre os membros de um corpo deve reinar, antes de tudo, a concórdia, a união e a colaboração" (10).

Impregnada destas augustas exortações está a conclusão que contém o voto da Conferência do Rio de Janeiro : "... que os membros das Comunidades religiosas não só cumpram com zêlo e fidelidade os ministérios paroquiais e cooperem neles nas paróquias que legìtimamente lhes foram confiadas, mas que também, seguindo a letra (cân. 608, § 1, C.J.C.) e o

(7) Exortação aos Romanos, de 10 de fevereiro de 1952; A.A.S., XLIX (1952), pág. 160.

(8) Discurso aos participantes do Congresso Geral dos Estados de Perfeição, 8 de dez. de 1950; A.A.S. XLIII (1951), pág. 28.

(9) Discurso citado, pág. 36.

(10) Discurso de Sua Santidade Pio XII ao Congresso Internacional de Liturgia Pastoral, em "L'Osservatore Romano" de 23-24 de setembro de 1956.

espírito do Código de Direito Canônico, salva a disciplina religiosa e sem detrimento de seus ministérios próprios e específicos, se esforcem, na medida do possível e com sincero e fraternal empenho, em ajudar os Párocos das Dioceses, seculares e religiosos, em seus múltiplos trabalhos paroquiais, de modo especial nos subúrbios das grandes cidades e nas zonas afastadas das grandes paróquias; por sua vez, em harmonia com o texto e o espírito do Código de Direito Canônico (cân. 608, § 2, C.J.C.) os Exmos. Ordinários e os Párocos utilizarão, com complacência, a ajuda dos Religiosos, especialmente dos que vivem na Diocese, em seus ministérios próprios e peculiares e sobretudo no sagrado ministério" (11).

Transcrevemos as mesmas palavras com que a Sagrada Congregação dos Religiosos reclama esta unidade de metas e esta união de esforços, debaixo da guia de um só Pai e Pastor: "Recomenda-se — diz a Sagrada Congregação — não sòmente a todos os Sacerdotes, mas também a todos que professam o estado de perfeição, que reavivem a consciência da unidade do Corpo do Exército sacerdotal, religioso e apostólico, que em cada diocese ou circunscrição eclesiástica (cân. 216, § 2), às ordens e sob a direção do Exmo. Ordinário (cân. 198, § 1), deve lutar pelo Reino de Deus e pela salvação e santificação de tôdas as almas que formam a grei de Cristo. Embora por títulos diversos — isto é: o Clero secular por incardinação (cân. 111, §§ 1-2), os membros dos estados de perfeição por adscrição legítima como clérigos (cân. 11, § 1; cân. 585) ou por incorporação a uma religião incardinada na Diocese — todos formam parte das fôrças espirituais da Diocese e devem como tais, à norma do Código e segundo as modalidades legìtimamente estabelecidas, trabalhar fraternalmente unidos debaixo da obediência filial ao único Pastor Ordinário do lugar (cân. 198, § 1). Os Religiosos e todos a êles equiparados olharão o Bispo como a Pai e Pastor de todos e em particular das almas consagradas a Deus, à Igreja e ao apostolado na Diocese. Isto constitui o campo de ação recomendado pelo Senhor ao Bispo como a Chefe, Pastor e Pai, ao Clero e Religiosos como a súditos, filhos e colaboradores; e deverão portanto nutrir e fomentar para com o Exmo. Ordinário Diocesano sentimentos de confiança e de amor e espírito de colaboração" (12).

Texto êste que foi confirmado recentemente por um Decreto da mencionada Sagrada Congregação dos Religiosos, no qual, mais uma vez, se insiste na união dos Religiosos com o Ordinário do lugar e se sugere um meio seguro para manifestá-la e fomentá-la: "Laudabiliter ab Excmis Locorum

(11) Conclusões citadas, núm. 35 a.

(12) Conclusões citadas, núm. 35 nota 2.

Ordinariis convocantur Statuum Perfectionis sodales, qui in dioecesi domum habent ministeriumque exercent, ad illa cum eis examinanda, comunicanda vel paterne discutienda, quae ministeria ab ipsis exercita, quatenus legitime dioeceses intersunt, pertinent. Tales enim conventus valde commendantur utpote qui ad unitatem com Patre et Pastore gregis munera promovenda efficienterque dirigenda prorsus apti videantur" (13).

Voto, a cuja feliz realização contribue o espírito de renovação que anima a grande família religiosa dentro do Corpo Místico de Cristo, e que reune em um só organismo Religiosos de uma nação em particular e de várias entre sí. A satisfação que isto causa ao Augusto Pontífice no-la indicam suas próprias palavras: "Para obter um resultado favorável — disse no discurso dirigido às Religiosas educadoras na oportunidade de seu primeiro Congresso — muito pode contribuir também a harmonia generosa entre as diversas famílias religiosas. O recíproco conhecer-se e ajudar-se, uma santa emulação hão de produzir muitas vantagens. Ótimos indícios já estão à vista; portanto nada mais resta se não perseverar" (14).

Voto, finalmente, que encontra a mais autorizada expressão nas augustas palavras dirigidas pelo mesmo Santo Padre ao Emmo. Cardeal Presidente dêste Congresso: "Ac primo loco, quatenus de apostolatu agitur locali... sacris... utriusque cleri administris potissimum esto, itemque Religiosis utriusque sexus sodalibus, studiosam, sollertem, concordem, atque invicem adiutricem operam navare, ita quidem ut quae praecipiuntur ab Episcopo, ea omnia iuvante Deo ad effectum feliciter deducere enitantur" (15).

Baseando-se em tão feliz resultado, a Conferência Geral do Rio de Janeiro completa assim seu pensamento: "Com o fim de facilitar esta cooperação, não seja diferido, em tôdas as nações latino-americanas, o estabelecimento das Conferências dos Superiores Maiores Religiosos" (16).

Prova luminosa e consoladora desta disposição é a fraterna união de Religiosos e Religiosas que existe em muitos países Latino-Americanos e que vai frutificando, desde o âmbito nacional ao diocesano e até à paróquia, em que uma série de obras nas quais palpita como espírito vivificador, o eco mil vêzes e por milhares de almas repetido, do "Ubi caritas et amor, Deus ibi est...".

---

(13) Normae dantur quoad conventus qui accomodatam Statuum perfectionis renovationem respiciunt, 26 martii 1956; A.A.S. XLVIII (1956), pág. 295-296.

(14) Discorsi e Radiomessaggi di Sua Santità Pio XII. Tip. Poliglotta Vat., vol XIII, pág. 236.

(15) Carta Apostólica "Novimus Religiosorum Ordinum", 20 de set. de 1956.

(16) Conclusões citadas, 35 b.

Bastaria que alcançasse plena realidade esta só conclusão — tão rica de espírito evangélico, tão em consonância com a tradição eclesiástica — para dizer que a Conferência do Rio conseguiu um êxito bem positivo como resposta às necessidades do mundo atual.

2. Outras disposições referentes aos Religiosos

Sem embargo o Título III, "Religiosos e Religiosas" das conclusões do Rio de Janeiro não se reduz sòmente ao que temos comentado.

Tem ainda outras normas e exortações que manifestam a estima, o aprêço e o amor dos Bispos para os estados de Perfeição.

Com paternal afeto dizem êles: "que as famílias religiosas possam aumentar nos Países Latino-Americano o número de seus membros com abundantes e seletas vocações, cuidando sempre zelosamente de sua firmeza e qualidade; êste cuidado deve ser naturalmente mais extremado e severo quando se trata de vocações ao Sacerdócio" (17).

Sem restrição alguma fazem suas as augustas intenções do Sumo Pontífice, ao instituir a "Obra das Vocações Religiosas", desejando que: "apoie-se e favoreça-se em cada Diocese, junto com a das Vocações Sacerdotais, a Obras das Vocações Religiosas, recentemente instituída pela Santa Sé" (18).

Em particular a Conferência: "sugere aos Exmos. Ordinários que — para favorecer o benéfico desenvolvimento dos Institutos femininos de perfeição — estabeleçam o "dia das Vocações Religiosas Femininas", que poderia coincidir com o Domingo seguinte à festa da Apresentação de Nossa Senhora ao Templo" (19).

E não descuidam aquêles zelosos Pastores o importantíssimo aspecto da formação interior dos Religiosos, como bem pode deduzir-se das seguintes conclusões: "Considerando a importância que tem, para a vida da Diocese, a presença e ajuda dos Religiosos, Sacerdotes ou não, e das Religiosas, sempre que estão formados e preparados para as tarefas apostólicas, a Conferência se permite encarecer vivamente aos Superiores competentes:

a) que para as casas de formação escolham sempre religiosos integralmente exemplares;

b) que cuidem com o maior interêsse da preparação intelectual especializada de seus súditos para as tarefas próprias do Instituto e em

---

(17) Conclusões citadas, 37 a.

(18) Conclusões citadas, 37 b. Cfr. também Declaração, em "L'Osservatore Romano" de 9 de outubro de 1955.

(19) Conclusões citadas, 41.

particular para o ensino da religião e do catecismo, seja em seus próprios colégios que em outros centros".

"Pelo que se refere em particular às Religiosas, a Conferência:

1) — Aconselha às Superioras Maiores que com o fim de aumentar o trabalho de suas Religiosas:

a) procurem que tôdas adquiram a mais sólida formação espiritual, ascética e doutrinal, e que em maior número possível recebam em escolas superiores — de religião, de pedagogia, de serviço social, de enfermagem — diplomas que as acreditem no desempenho de suas missões específicas;

b) cuidem que as que se dedicam ao labor de enfermeiras em clínicas e hospitais, além de possuir a necessária preparação profissional, conheçam adequadamente as normas da deontologia católica relativas ao seu delicado campo de atividades.

2) — Roga aos Exmos. Bispos e aos Revmos. Superiores interessados, que ponham particular cuidado na designação dos Sacerdotes que hão de desempenhar seu ministério em favor das Religiosas e de suas Instituições, e vigiem a fim de que êles:

a) atendam a estas almas consagradas a Deus com a maior dedicação e espírito sobrenatural, conscientes de que o bem que desta maneira operam redunda também em prol de outras almas;

b) procurem desempenhar, portanto, seu ofício com todo zêlo, especialmente no que se refere à pregação, à confissão e à direção espiritual;

c) evitem, em conformidade com as disposições canônicas, qualquer indevida ingerência no regime da comunidade;

d) observem no trato com as Religiosas e alunas as normas ditadas pela prudência e pela dignidade próprias do Sacerdote" (20).

Tudo isto é o que, aprovado pela Conferência Geral do Episcopado Latino-americano no Rio de Janeiro, se refere direta e pròpriamente aos Religiosos e Religiosas.

Mas não se esgota com isto quanto diz respeito aos Religiosos.

II — Os Religiosos e as Religiosas nas Conclusões das demais Comissões

Em verdade quase todos os capítulos de cada uma das Comissões contêm alguma referência aos Religiosas, ou por razão do ministério paroquial que exercem, ou pelas demais formas de apostolado em que trabalham dentro da Diocese. E sob êste aspecto se pode afirmar que em cada título

(20) Conclusões citadas, 38, 40.

os Religiosos atraem a atenção para as Conclusões da Conferência Geral do Rio de Janeiro.

1 — Não se refere também a êles tudo o que os Bispos põem em relêvo e determinam acêrca da necessidade de suscitar muitas e santas vocações, ou sôbre a formação intelectual, espiritual, humana e cultural dos futuros Sacerdotes (21)? Quantos Seminários, nas Nações da América Latina, estão confiados à sábia direção de beneméritas Ordens e Congregações Religiosas!

2 — Não está diretamente relacionada com os Religiosos a conclusão sôbre o pedido de pessoal?

"A Conferência... concorda em dirigir-se respeitosamente aos Superiores Maiores das Ordens e Congregações Religiosas e aos das Sociedades de vida em comum e dos Institutos Seculares, para que contribuam e aliviem esta necessidade do Clero, atendendo, sempre que lhes seja possível, aos pedidos que lhes fazem os Exmos. Prelados diocesanos da América Latina e por conseguinte enviem Sacerdotes a estas terras" (22).

3 — Não interessa também aos Religiosos o que se recomenda no campo do apostolado dos seculares?

"... Os educadores católicos recordem o dever que lhes incumbe de fundar e manter vivos em seus estabelecimentos, centros de Ação Católica, preocupando-se de formar neles bons militantes e capacitados dirigentes do apostolado secular;... os Superiores e membros das Ordens Religiosas e Institutos seculares procurem favorecer eficazmente a organização e progresso da Ação Católica nos diversos Países" (23).

4 — Não são os Religiosos aquêles a quem se recorre quando se trata de elaborar, por parte dos Bispos, um programa de trabalho apostólico em plano diocesano?

"A Conferência considera que é imprescindível em cada Diocese a elaboração, por parte dos Bispos, de um programa ordenado de apostolado, tomando sempre como base o plano cheio de sabedoria e experiência contido no Código de Direito Canônico e tendo sempre em conta a ajuda eficaz que podem prestar os Religiosos e Religiosas" (24).

5 — Não é importante o posto reservado aos Religiosos na atuação das importantíssimas conclusões acêrca da organização da cura de almas? De fato, qualquer atividade dêles está intimamente ligada ao grave

---

(21) Conclusões citadas, 1, 26.
(22) Conclusões citadas, 31.
(23) Conclusões citadas, 48 c, d.
(24) Conclusões citadas, 54.

problema da salvação das almas: desde a atividade escolar até à catequética, hospitalar, assistencial e profissional. Todos, Sacerdotes, Religiosos e Religiosas e fiéis inscritos em Associações de piedade e de apostolado, devem sentir-se movidos com renovado empenho perante o reconhecimento e a estima em que é tido seu trabalho pastoral e apostólico. A Conferência portanto "estima necessário recordar como idéia básica, nesta matéria, que a forma tradicional da cura de almas continua sendo insubstituível e que, por conseguinte, deve manter-se e fortalecer-se, adaptando-a às exigências do tempo atual, sem deixar de recorrer aos meios novos, provados como eficazes no trabalho da evangelização e nas formas extraordinárias de apostolado que pareçam aconselháveis" (25).

6 — Como não incluir os Religiosos, colocando-os quase precisamente na vanguarda, no uso e utilização dos meios modernos de apostolado e de propaganda, ao serviço da Igreja, da Diocese e das almas... "pela crescente importância que adquirem na sociedade atual a imprensa, o rádio e outros meios modernos de propaganda" (26)?

7 — Quão grande e boa ajuda não devem prestar êles na propagação e defesa da fé contra todos os movimentos acatólicos, na fiel execução das disposições da Conferência do Rio de Janeiro!

Em vista disso "a Conferência encarece com particular interêsse... que nos Institutos Teológicos dos Religiosos se estabeleçam cursos especiais sôbre as heresias atualmente disseminadas nas respectivas regiões..." (27).

8 — Um campo que está inteiramente aberto ao zêlo infatigável dos Religiosos é o missionário e no sentido estrito da palavra, isto é, o que se refere a territórios de Missão confiados a Ordens e Congregações Religiosas, onde todo ou quase todo o pessoal é religioso. Num setor materialmente tão extenso de apostolado, quem não se comove ante a amorosa insistência daqueles Bispos quando fazem votos "a fim de que o maior número possível de Ordens, Congregações e Institutos Seculares, de ambos os sexos, assim como de Institutos de assistência social e Instituições de seculares católicos preocupados pelo problema missionário, enviem aos territórios de Missão pessoal capacitado e especializado, em número e qualidade cada dia maior" (28)?

---

(25) Conclusões citadas, 53.
(26) Conclusões citadas, 61, 68.
(27) Conclusões citadas, 73 a.
(28) Conclusões citadas, 87.

As Conclusões práticas do Rio de Janeiro colocam os Missionários diante de um programa de trabalho ordenado e metódico, em ordem à elevação dos indígenas e ao progressivo entrosamento daqueles fiéis na vida diocesana da Nação.

Conclusão

Como vedes, queridos Religiosos e Religiosas, é verdadeiramente vasto o campo de ação delineado pelos Bispos Latino-americanos na Conferência Geral do Rio de Janeiro; vasta é a participação que toca aos Religiosos, como vasta é também a dos Sacerdotes, uns e outros movidos pelo mesmo ideal de apostolado, cuja universalidade "não exclue nenhum campo, não julga extranho nenhum problema, sabe chegar até onde seja necessário contanto que assim exijam a glória de Deus, o bem da Igreja e a salvação das almas" (29); uns e outros diante da gravidade de um problema comum, qual é a escassez do Clero, que sòmente pode ser resolvido com a mais fraterna e concorde cooperação.

O Santo Padre, na preciosa Carta Apostólica "Ad Ecclesiam Christi", tinha sublinhado: "Esta penúria do clero diocesano e regular, que se demonstra hoje mais cruciante e grave do que nos tempos passados, pela crescente magnitude dos problemas de índole apostólica que tocam à Igreja, é o que impede ou pelo menos retarda o progresso espiritual e religioso das queridíssimas nações da América Latina, do mesmo modo que tão felizmente avançam em muitos outros aspectos", e exortava: "E' necessário pôr-se a trabalhar imediatamente com decisão, generosidade e vigor; é mister não desperdiçar valiosas energias, mas multiplicá-las com uma apropriada coordenação" (30).

A Conferência do Rio quiz ser uma resposta filial, devota, submissa a esta exortação de Sua Santidade; toca agora a quantos trabalham no imenso Continente Latino-Americano fazer própria a resposta e transmitir seu eco a tôdas as almas.

Oxalá encontre esta resposta a mais viva adesão de vossa parte, queridos Religiosos e Religiosas.

Vossa oração, vosso sacrifício diário, vossa generosa correspondência ao ideal da santidade, contribuam a uma rápida solução dos graves problemas ainda pendentes naqueles longínquos Países.

---

(29) Discurso de Sua Santidade Pio XII a um grupo de Industriais e Comerciantes da A. C. de Barcelona, a 6 de setembro de 1956; em "L'Osservatore Romano" do dia 8 do dito mês.

(30) A.A.S., XLVII (1955), pág. 541.

Vós que já trabalhais naquelas nações, em cidades ou vilas, nas alturas andinas ou ardentes planícies, em centros populosos ou em rincões olvidados, dai vossa parte de atividade com aquêle espírito e conforme aquelas normas que foram sugeridas pela Conferência Geral do Rio de Janeiro.

Ao renovar os meus mais férvidos agradecimentos pelo que haveis feito e pelo que estais fazendo pela glória de Deus e bem das almas em todo aquêle amado continente, esperança da Igreja e campo preferido de vosso zêlo e de vossos trabalhos, seja-me permitido dar-vos um conselho: continuai sempre mais e melhor, com absoluta confiança, em santa união de espírito e de obras, vossa preciosa ajuda em todos os setores a vós confiados, em harmonia com as finalidades específicas de vossas beneméritas famílias religiosas.

Que o Senhor vos dê, nesta e na outra vida, o bem merecido prêmio, na medida prometida por Êle de cem por um.

S. C. dei Religiosi
O. P. V. R.

INDICAÇÕES PRÁTICAS SÔBRE A OBRA PONTIFÍCIA DAS VOCAÇÕES RELIGIOSAS

Desde há muito desejada e solicitada, a OBRA PONTIFÍCIA DAS VOCAÇÕES RELIGIOSAS foi instituida pelo Sumo Pontífice a 11 de fevereiro de 1955.

Para usufruir as vantagens que pode oferecer a correspondência com a nova Obra Pontifícia, basta escrever ao seguinte endereço:

Obra Pontifícia das Vocações Religiosas
S. C. dei Religiosi
Piazza San Callisto — ROMA — Itália

Será publicada brevemente, em diversas línguas, uma brochura contendo: Os textos oficiais — Uma breve explicação sôbre a Obra das Vocações Religiosas — Uma Comunicação feita em Roma aos Revmos. Superiores Gerais acêrca desta mesma Obra — Enfim, algumas indicações de índole prática.

Diversos Institutos já se agregaram à nova Obra Pontifícia, mas seria oportuno que todos o fizessem quanto antes. Podem agregar-se não só as Congregações, mas também separadamente as Províncias, Casas, Obras e até mesmo as pessoas particulares, recebendo cada uma o respectivo Diploma ou Certificado.

Para obter esta agregação, basta fazer o pedido à Sede da Obra, no enderêço acima indicado, especificando distintamente a qualidade do requerente (Congregação, Província, Casa, Obra ou pessoa) e o endereço claro e completo.

Para a primeira inscrição sobretudo, seria conveniente que cada

Instituto apresentasse reunidos todos os pedidos de agregação de suas Províncias ou de seus membros.

Devendo a Obra Pontifícia viver e agir por seus próprios recursos, sua atividade estará, evidentemente, condicionada aos subsídios que receber. Será, pois, oportuno recordar discretamente esta passagem das **Normas**: "Todos os aderentes contribuirão com módica quota anual", na medida das possibilidades e da generosidade de cada um.

(No Brasil, os pedidos de agregação e as contribuições poderão ser endereçados à Conferência dos Religiosos, que os transmitirá à Sede em Roma).

Poder-se-á perguntar: O que se pode fazer pela Obra das Vocações Religiosas e o que se pode dela esperar?

1.°) — Seria muito útil levar ao conhecimento da Obra das Vocações Religiosas as iniciativas de cada Instituto, Província, Casa ou Obra em favor das Vocações, juntamente com os resultados obtidos. A Obra Pontifícia receberá igualmente com agrado um ou dois exemplares dos meios de propaganda empregados, tais como ilustrações, cartazes, folhetos, filmes, programas, etc.

Os Diretores de Obras das Vocações ou, em geral, de Obras pias que auxiliam as Vocações, prestariam grande serviço à Obra Pontifícia, pondo-a ao corrente das próprias atividades e dos resultados obtidos. No primeiro relatório, poderiam dar uma idéia geral da Obra, indicando sua origem, finalidade, desenvolvimento e meios empregados.

2.°) — De seu lado, a Obra Pontifícia das Vocações Religiosas se esforçará por favorecer o aumento quantitativo e qualitativo das Vocações, procurando obviar às necessidades de ordem geral, que ultrapassam ordinàriamente a alçada e as possibilidades das Obras particulares.

Ademais, a Obra Pontifícia fará todo o possível para servir de guia e de auxílio aos Institutos, Religiões ou Obras particulares, especialmente quando para tal fôr pedida sua colaboração.

* * *

De 5 a 11 de fevereiro de cada ano será comemorada a Semana da Obra Pontifícia das Vocações Religiosas. Será muito de se desejar que todos os Estados de Perfeição aproveitem a oportunidade para fazer dela uma Semana de fervorosas preces e de mais intensa vida de perfeição.

Esta Semana nos oferecerá também excelente ocasião de manifestar ao Santo Padre o nosso mais vivo reconhecimento pela instituição da nova

Obra Pontifícia e de elevar em conjunto nossas orações para implorar da divina Providência as numerosas e santas vocações, tão ardentemente desejadas por todos os Estados de Perfeição.

Fica entregue à discrição e ao zelo de cada um o modo de comemorar esta Semana, não sendo oportuno nem possível estabelecer aquí o modo como organizar pràticamente o programa.

Roma, 5 de Janeiro de 1956.

P. Pedro Loret, C. Ss. R.
Delegado da S. C. dos Religiosos
para a Obra Pont. das Voc. Religiosas

OS RELIGIOSOS E A AÇÃO CATÓLICA - Correspondência

Rio de Janeiro, 29 de março de 1957

Revmo. Senhor
Padre Irineu Leopoldino de Souza
Secretário Geral da C. R. do Brasil

Com data de 19 do corrente recebi a carta de V. Revma. juntamente com o relatório da semana de estudos sôbre a JECF.

Li uma e outra coisa e venho dizer a V. Revma., como oralmente já o declarei a Dom José Távora, que estou contente com o relatório e sobretudo com os têrmos da carta de V. Revma. que propõe uma colaboração maior das Congregações Religiosas para com a Ação Católica.

Realmente, não podemos deixar de aproveitar o grande concurso que os Religiosos e Religiosas, sobretudo nos colégios, podem dar à causa da Ação Católica.

Aprovo, pois as sugestões apresentadas na carta de V. Revma. e as abençôo.

Com agradecimentos e bênçãos

(ass.) **Jaime Card. Câmara**
Arcebispo do Rio de Janeiro

Publicamos neste número de nossa Revista a correspondência trocada entre a Conferência dos Religiosos do Brasil e o Eminentíssimo Cardeal Dom Jaime de Barros Câmara, presidente da Comissão Episcopal para a Ação Católica, ai respeito da atuação dos Peligiosos e Religiosas neste setor de apostolado. Os que assistiram o Segundo Congresso dos Religiosos, em São Paulo, lembram-se ainda da conferência pronunciada por S. Excia. Revma. o Sr. Dom José Távora sôbre a matéria, em ambos os plenários. A Ação Católica foi objeto de uma semana de estudos promovida no Rio de Janeiro, especialmente para Superioras Religiosas, e voltará no próximo mês de Julho ao temário da assembléia anual dos Superiores e Superioras Maiores.

Esta correspondência e o relatório que publicamos não pretende ser uma definição de princípios, nem uma sistematização do apostolado dos Religiosos promovendo a Ação Católica em suas obras. Consideramos a Semana realizada no Rio de Janeiro como uma experiência feliz e oportuna da qual partimos, desde o Segundo Congresso de São Paulo, para uma atuação mais ampla e profunda dos Religiosos neste setor, prévio chamado da Hierarquia Eclesiástica pela voz autorizada do Eminentíssimo Cardeal Presidente da Comissão Episcopal para a Ação Católica.

Pe. Irineu Leopoldino de Sousa
Secretário Geral

Rio, 19 de Março de 1957

Eminência Reverendíssima

A Conferência dos Religiosos do Brasil, a pedido de S. Excia. Reverendíssima o Senhor Dom José Vicente Távora, Assistente Eclesiástico da Ação Católica Brasileira, está promovendo maior participação dos religiosos e religiosas para o desenvolvimento da Ação Católica, sobretudo nos educandários, para os núcleos de JEC.

As dificuldades iniciais dêste apostolado, de tanta atualidade, o pouco conhecimento do mesmo, e particularmente os inconvenientes de ordem disciplinar, fizeram com que os Religiosos e Religiosas, muitas vêzes, se afastassem. Entendem, porém, os Superiores, e assim deliberou o Segundo Congresso dos Religiosos, em São Paulo, que esta ausência não contribui para a maior glória de Deus e para a salvação das almas, devendo-se antes enfrentar o problema e resolver-lhe as dificuldades. Por isto tem tomado algumas providências a Diretoria da Conferência, como por exemplo a Semana de Estudos para Superioras, promovida no Rio de Janeiro, no princípio dêste ano. E a Conferência como tal, trabalhará neste setor de apostolado, de acôrdo com as indicações que nos vierem da Hierarquia, enquanto esta entender bem que promovamos alguma atividade neste sentido.

Manifestamos filialmente a Vossa Eminência Reverendíssima o desejo dos Superiores e das Superioras, de que os movimentos de ação católica, dentro dos educandários, se apoiem antes de mais nada no Superior ou na Superiora local, para que tudo proceda com ordem e prudência, evitando-se particularmente demasiada interferência dos assistentes e capelães nas manifestações sociais do apostolado feminino, quando se tratar de educandários das religiosas.

A Semana de Estudos promovida no Rio de Janeiro, sob a direção imediata de Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Dom José Távora, para as Superioras, constitui uma experiência feliz, que desejaríamos se repetisse em tôdas as Secções Estaduais da Conferência. Se Vossa Eminência, na qualidade de Presidente da Comissão Episcopal para a Ação Católica, houvesse por bem aprovar seu relatório, em base do mesmo continuaria esta Conferência a orientar sua atuação junto das Religiosas.

Temos o prazer de informar a Vossa Eminência que na terceira semana de Julho do corrente ano, deverão se reunir no Rio de Janeiro, cumprindo deliberação do Segundo Congresso, os Superiores e as Superioras Ge-

rais e Provinciais. No programa de assuntos para esta primeira assembléia anual, está incluída também a Ação Católica.

Com sentimentos de filial veneração, enquanto lhe pedimos a bênção e osculamos a sagrada purpura, subscrevemo-nos

Pe. Irineu Leopoldino de Sousa SDB.
Secretário Geral

A Sua Eminência Reverendíssima
o Senhor Dom Jaime de Barros Câmara
DD. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

RELATÓRIO

Da semana de estudos sôbre a J.E.C.F. promovida no Rio de Janeiro, para as Superioras, convocadas pela Autoridade Eclesiástica arquidiocesana e organizada pela Conferência dos Religiosos do Brasil

Superioras de diferentes Congregações Religiosas femininas, que exercem atividades pedagógicas na Arquidiocese do Rio de Janeiro, estiveram reunidas numa Semana de Ação Católica, de 15 a 21 de Janeiro do corrente ano. Nesta oportunidade, intervieram, expondo a doutrina da Igreja sôbre a Ação Católica, **sua necessidade, sua atualidade,** Dom Agnello Rossi; sôbre **Ação Católica em face da missão educadora das Religiosas, A razão de ser da Ação Católica Especializada e sua capacidade renovadora, a JEC, suas exigências para uma realização autêntica e sua função nos colégios:** Dom José Vicente Távora; **As Superioras e Diretoras de Colégios, em face da Ação Católica:** Dom Helder Câmara.

Ao abrir a Semana, o Abade Dom Martinho Michler, Presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil, apontou a Ação Católica como um movimento espiritual, destinado a ver o mundo como Cristo o vê; movimento para a conquista dos homens que se afastaram de Deus; movimento feito para restaurar tôdas as coisas em Cristo.

A Ação Católica e as Religiosas.

Entre os assuntos que as Superioras debateram, mais detidamente, sobretudo em círculos de estudo, que levaram a constatações e conclusões, se contava o tema: "A Ação Católica, em face da missão educadora das reli-

giosas". A propósito dêste debate, surgiu o problema da crise educacional por que passam atualmente, a família e os colégios. Foi focalizado que há uma desproporção enorme entre o número de alunas e o de religiosas educadoras, nos nossos estabelecimentos de ensino católico. Isto — disseram unânimemente as Religiosas semanistas — está prejudicando o trabalho de formação específico das comunidades religiosas educadoras e transformando os colégios católicos em simples liceus. É um perigo para o ideal educativo das congregações.

Além disto, as Religiosas estudaram a influência do meio, como prejuizo contra a religião, o espírito naturalista que invade tudo, o espiritismo que está atingindo a classe média e a alta burguesia, tudo isto agravado pela vida excessivamente mundana do meio burguês e pelos lares desajustados. Êste quadro é ampliado ainda, pela falta de colaboração dos pais das alunas com o colégio em que estas estudam. Em face destas constatações, as Superioras indicaram, como alguns elementos para solução dêstes problemas, os seguintes:

a) intensificar a articulação entre pais e mestres que têm interêsses em cada colégio, motivando-se a criação de um ambiente capaz de estabelecer boas relações humanas, mediante as quais se debatam os problemas relativos à formação da juventude, apontando-se, aí a necessidade de fortificar a Associação dos Pais de Família;

b) procurar por todos os meios estabelecer uma sincera união entre os mestres religiosos e leigos para que no colégio se estabeleça uma unidade, não apenas de organização, mas, também, de diretrizes;

c) formar, entre as Religiosas, orientadoras educacionais que se destaquem para isso, em cada colégio, devendo estas ficar livres de outros encargos, a fim de que possam preencher, eficazmente, sua missão;

d) estabelecer, cada vez mais, um regime de confiança nas alunas, e dar-lhes responsabilidades, através de tarefas concretas;

e) na formação religiosa, juntar ao aperfeiçoamento pessoal, o ideal missionário do apostolado, fazendo das alunas apóstolas do seu meio, não esquecendo de que, quanto melhor formadas, tanto mais estarão elas a serviço da Igreja. Neste particular, um lugar de evidência se deve dar à formação de catequistas voluntárias. Debatendo o tema "confiança nas alunas", observou-se que uma verdadeira educação se faz à base da fórmula — liberdade com responsabilidade — e que, neste sentido, bem compreendida, a JEC se apresenta como um precioso auxílio, na solução dos problemas educacionais nos colégios.

Ação Católica especializada e sua capacidade renovadora

Apresentado o questionário sôbre o valor da JECF como apostolado, os possíveis inconvenientes de um apostolado de estudante por estudante, e sôbre a necessidade da preparação das alunas para a vida social, chegaram as religiosas Superioras às seguintes constatações:

a) a Ação Católica especializada tem alto valor, não só porque o Santo Padre a aprova, mas também pelo teor pedagógico de qualquer especialização, no século dos estudos especializados, e ainda, como instrumento de apostolado para a redenção do mundo;

b) é difícil, mas não impossível, dar ao apostolado especializado um lugar de destaque nos nossos colégios;

c) em face da idade, de entusiasmos que podem ser demasiado exuberantes, da falta de prudência natural da adolescência; em face de uma certa desconfiança para com as Religiosas e de exagerado segrêdo com que, erradamente, se cerca, às vêzes, o apostolado insuficientemente orientado, é claro que pode haver inconvenientes na prática do apostolado da estudante pela estudante. Mas êstes inconvenientes — e ainda, o perigo da falta de discrição entre as próprias jecistas, a respeito de seus problemas íntimos — não são de ordem a que se dificulte, nem muito menos se impeça o apostolado jecista nos colégios. Pelo contrário, tudo isto indica que êle deve ser estimulado.

d) o apostolado especializado ajudará os colégios a preparar suas alunas para a vida social.

Concluiu-se que a JEC, como apostolado especializado, tem alto valor objetivo e devem se empenhar os colégios, com tôda boa vontade, para encontrar soluções que afastem os inconvenientes, a fim de que se possa aplicar, com eficácia, o método jecista, como uma pedagogia auxiliar que leva as educandas a participar de sua própria formação.

Indicaram-se diferentes maneiras de se chegar a êste objetivo:

a) dar muita importância à formação de religiosas que possam ocupar o lugar de Adjuntas da JECF nos colégios;

b) fazer tôda a Comunidade entender e promover o apostolado da JEC;

c) conquistar o corpo docente leigo para êste apostolado;

d) despertar, indiretamente, nas próprias alunas, preparando terreno entre elas, uma compreensão maior das necessidades do próximo, de suas responsabilidades de batizadas e crismadas e de membros do Corpo Místico de Cristo. Em se tratando de amor ao próximo, chamar-lhes a aten-

ção para o "próximo mais próximo" junto do qual as alunas deverão exercer a caridade: as alunas do colégio.

e) acreditar no papel das adolescentes, como participantes da sua própria formação, e mostrar confiança nelas; as jovens, quando entusiasmadas, se mostram muito sensíveis à prova de confiança;

f) ensinar as alunas a respeitar, dentro do educandário, os pontos de vista alheios, os métodos que não sejam exclusivamente os seus, e orientá-las num sentido de formularem, sempre, conceitos exatos a respeito das pessoas e coisas;

g) ter todo o cuidado para não exigir da adolescente mais do que ela pode dar nos seus esforços para uma vida cristã.

A JEC e suas exigências para uma especialização autêntica.

1 — O questionário dêste dia versou sôbre o conceito de uma JEC autêntica e o que ela representa para o colégio e para as estudantes. Indagou-se ainda o que vem a ser JEC como Movimento Diocesano, e se focalizou o método do inquérito — **Ver, Julgar, Agir** — aplicado a adolescentes. As Superioras viram a JEC como uma colaboração com os objetivos pedagógicos do colégio. E nesse sentido, ela é um precioso auxílio pedagógico para fazer um ideal de vida e de apostolado que as ajudará a resolver seus problemas humanos e religiosos. Examinado como Movimento Diocesano, a JEC é um poderoso elemento de união entre os diferentes colégios. O Movimento Diocesano leva a jecista à compreensão de seu lugar na Igreja, no Corpo Místico de Cristo. A JEC deve ser um elemento de fôrça e de ação da juventude estudantil, mesmo como corpo representativo, em face das autoridades e como instrumento vivo nas mãos do Bispo, a serviço da Igreja.

2 — Entre as diferentes indicações em tôrno da JEC — Movimento Diocesano — viu-se a necessidade de que as alunas sejam estimuladas pelo Colégio a comparecerem, mesmo com sacrifício, às reuniões diocesanas, como sejam: manhãs de formação, círculos para dirigentes, assembléias, cursos de formação, retiros espirituais. Pediu-se que a conselheira fôsse escolhida, tanto quanto possível, entre militantes ou dirigentes do próprio colégio, para facilitar os entendimentos. Solicitou-se que haja reuniões mensais para Adjuntas entre elas e o Assistente Eclesiástico; há uma exigência de que o estudo do programa anual da JEC Diocesana seja feito em comum pelas Adjuntas e que reapareça o Boletim das Adjuntas. Quanto ao horário das reuniões da JEC nos colégios, seja, se possível, numa tarde ou manhã de atividades es-

colares mais ou menos livres, às quais as alunas possam deixar de comparecer, para tomar parte nos diferentes grupos extra-escolares. Superintenda e supervisione a Superiora estas atividades, para que tudo proceda com ordem e prudência.

3 — O método de inquérito — Ver, Julgar, Agir — foi considerado válido para a formação de adolescentes, quando aplicado com prudência e quando visto em seu conjunto, no Ver, no Julgar e no Agir.

4 — Foi aceita por tôdas as Superioras a definição de JEC como sendo um movimento de colaboração organizada do laicato estudantil com a Hierarquia, para a cristianização e santificação do mundo estudantil, e de ai partiram as semanistas para afirmar que uma JEC autêntica será aquela que não parando no estudo dos meios de apostolado, atingir, de fato, a finalidade de intensificar a vida cristã das estudantes.

5 — As Superioras tomaram, como centro de todos os seus estudos, em tôrno dêste assunto, a palavra do Papa Pio XI ao Episcopado Brasileiro, em 1936: "Grande auxílio em particular prestarão as religiosas na formação para a Ação Católica, das alunas que se eduquem nos seus colégios..... Deve-se despertar nos adolescentes o espírito de apostolado. Depois, diligente e assíduamente, exortá-los a que se integrem nas organizações de Ação Católica..... Pode-se com razão dizer que não há tempo e lugar mais propício, que o do Colégio, para dispor a juventude à Ação Católica. Isto será de grande vantagem para os educandários, pois é fácil compreender o bem que jovens dedicados ao apostolado exercitarão entre seus colegas. Os frutos melhores, porém, caberão a êsses jovens eleitos, quanto, já diversas vêzes, o declaramos: sòlidamente, encontrarão em suas organizações de Ação Católica (que lhes assistirão com carinho, sobretudo, na época mais crítica da vida), estudo e amparo a fim de superar os muitos e graves perigos do meio social, em que, forçosamente, devem viver".

As Superioras e a Ação Católica

As Superioras chegaram à conclusão de que vale a pena enfrentar corajosamente as dificuldades para estimular o apostolado da JEC, tomando as necessárias precauções para que ela nasça bem, na sua nucleação, e se desenvolva adequadamente; frisaram que é necessário atingir as meninas que exercem uma liderança benéfica sôbre as suas companheiras. Querem as Superioras que a JEC nos seus colégios se desenvolva, mas com a necessária dependência, a fim de se evitarem os inconvenientes que um esmorecimento ou

êste respeito poderia trazer. A adjunta, neste apostolado externo, além de ajudar a ação da Hierarquia, em face da qual deve ser inteiramente submissa, é também, no que diz respeito à disciplina e às modalidades próprias do educandário e da Congregação, igualmente submissa, à Superiora da casa.

Relativamente aos capelães dos Colégios, em face do movimento jecista, no educandário em que êles exercem suas funções, o ideal é aproximá-los da JEC, através de informações, assembléias, contatos com o Assistente Eclesiástico Diocesano, e reuniões especiais para êles, até que venham a ser Assistentes Eclesiásticos da JEC colegial, com a compreensão exata do seu papel.

Finalizaram as Superioras reafirmando sua plena obediência aos Bispos em tudo que diga respeito ao apostolado externo que se exerce no território do seu colégio, a sua aceitação irrestrita dos Estatutos e Regulamentos da Ação Católica promulgada pelos Senhores Bispos.

Esta Semana se realizou com a participação das Superioras, sob convocação da Autoridade Arquidiocesana do Rio de Janeiro, organizada pela Conferência dos Religiosos do Brasil, e à base desta experiência se promoverá o apoio concreto e constante das Religiosas ao Movimento Jecista da Arquidiocese do Rio de Janeiro.

COMO PREGAR SÔBRE DEUS NAS SS. MISSÕES[1]

Pe. Tiago G. Cloin CssR.

Em certas regiões, p.e. no Estado do Rio, as SS. Missões lutam com particulares dificuldades, especialmente nos primeiros dias. A freqüência aos primeiros sermões é tão fraca, que parece inconveniente começar imediatamente com os temas tradicionais que todos devem ouvir. Convém, portanto, adiar êstes temas, até a frequência atingir a normalidade e intercalar outros, entre os quais, p.e., um sermão sôbre Deus.

O problema a ser tratado é, portanto, mais restrito do que o título da Conferência insinua: como pregar sôbre Deus **neste sermão?**

Pretendo tratar o assunto em três pontos:

I. O método de pregar;
II. As verdades a serem pregadas;
III. O modo de pregá-las.

I. O método de pregar.

Podemos distingüir, em geral, dois métodos de pregar sôbre Deus: o método apologético e o método dogmático.

a) O método **apologético** consiste em raciocinando **demonstrar** as verdades a respeito de Deus, tomando como ponto de partida as criaturas. Desta forma se conclui, por rigoroso raciocínio, pela existência de Deus, sua onipotência, onipresença, onisciência, pela sua bondade, misericórdia, providência, etc.

---

1) Conferência proferida no Congresso Anual de Missionários Redentoristas da Província do Rio, realizado de 15 a 17 de janeiro no Seminário Maior Redentorista da Floresta no Mun. de Juiz de Fora.

Procedendo assim, transmitimos ao auditório novo e melhor conhecimento de Deus. Qual, porém, é o caráter ou natureza dêste conhecimento? Qual o seu valor?

Por tal raciocínio apologético transmitimos ao auditório o **nosso** conhecimento a respeito de Deus, a nossa **ciência humana.** Tal raciocínio conduz apenas a verdades alcançáveis pela razão **natural,** e a um conhecimento de Deus "inquantum — diz a Teologia — naturaliter cognoscibilis est". Tais verdades, porém, por mais sublimes que sejam, não são verdades **salutares,** i.é, não estão no nível sobrenatural e, portanto, não aproximam o homem da salvação.

Acresce que tal raciocínio, para ser rigorosamente demonstrativo, não é para o pregador, e muito menos para o auditório, coisa tão simples. Suponhamos, porém, que o nosso raciocínio seja rigoroso. Apenas uma minoria admitirá as nossas conclusões a respeito de Deus por motivo de evidência intrínseca, i. é. pela fôrça da argumentação; a maioria, porém, por motivo de crer na nossa honestidade científica e arte de raciocinar. Um e outro, porém, são motivos puramente naturais, dos quais não resultará senão uma convicção e conhecimento naturais, não porém, salutares.

Isto não quer dizer que o método apologético não tenha valor nenhum, mas apenas que êste valor se limita ao dos preâmbulos da fé, que não se situa no plano sobrenatural e salutar.

b) O método **dogmático** não se baseia no raciocínio ou na demonstração, não demonstra raciocinando, mas consiste essencialmente em **testificando transmitir o revelado,** transmitindo não verdades que o homem consegue descobrir a respeito de Deus, mas verdades que o próprio Deus se dignou de nos revelar a respeito de si próprio, e que têm seu ponto de partida na inteligência não humana, mas divina. Desta forma transmitimos ao auditório não ciência humana, mas conhecimento divino ou "Scientia Sanctorum". E tais verdades são salutares, sim, são verdades apenas conhecíveis pela fé sobrenatural, são verdades a respeito de Deus "inquantum — diz a Teologia — nonnisi supernaturaliter cognoscibilis est". São estas as verdades que encaminham o homem para a salvação, pois, a vida da fé sobrenatural é a antecipação e iniciação da vida eterna.

Enquanto a pregação apologética é essencialmente pregação e palavra humanas, é a pregação dogmática essencialmente pregação e palavra divinas. Na pregação dogmática nada há de ser demonstrado, tudo há de ser testificado apenas, brotando, porém, da fé do pregador. Da parte dos ou-

vintes nada há de ser "compreendido", mas tudo há de se crer na obscuridade da fé.

Se, porém, o método dogmático não implica demonstração das verdades a respeito de Deus, de onde, então, vem a convicção inabalável que os ouvintes devem ter destas verdades? Ela vem da graça da Fé! Esta graça opera interiormente nos ouvintes, escapando perfeitamente à experiência não apenas do pregador, mas ainda do próprio ouvinte. Enquanto o pregador oferece a graça exterior de sua palavra, opera silenciosamente a graça interior no auditório. Quando o pregador prega da plenitude de sua fé sobrenatural, Deus atua interiormente nos ouvintes, iluminando-lhes a inteligência e inspirando-lhes a vontade, para aceitarem, pela fé sobrenatural, a verdade pregada. O pregador lhes fala ao ouvido, Deus lhes fala ao coração. Há uma perfeita sincronização entre a palavra do pregador, ou graça exterior, e a palavra de Deus, ou graça interior. É esta sincronização que garante à pregação dogmática sua eficácia; pois, se Deus não lhes influencia a inteligência e a vontade, os ouvintes nunca chegarão a admitir, pela fé sobrenatural, a verdade pregada. Nós, pregadores, devemos crer firmemente nesta sincronização e eficácia, i.é,, devemos crer no nosso ofício de pregador "dogmático". A pregação apologética não tem tal sincronização e nada lhe garante a eficácia.

Entre a palavra exterior de pregador e a interior de Deus não há apenas sincronização ou coincidência, a palavra do pregador é também o **veículo** da palavra divina; em outras palavras, a pregação dogmática tem uma espécie de fôrça sacramental, de modo que a palavra do pregador é, de alguma maneira, a palavra de Deus: sob aparência humana ela é palavra divina.

Sôbre a natureza da sacramentalidade da palavra humana, a saber como ela é, em verdade, a palavra de Deus e em que sentido, a Teologia moderna está realizando pesquisas científicas que deram origem à Teologia da pregação, assunto em que aqui não podemos entrar.

II. As verdades a serem pregadas.

A nossa Pregação, portanto, há de ser não demonstração pelo raciocínio, mas testificação pela transmissão do revelado. Deus, porém, revelou um grande complexo de verdades a respeito de si próprio: sua existência, sua unidade em natureza e trindade em pessoas, suas propriedades, suas relações às criaturas, a criação, conservação, providência, particularmente quanto ao homem, concretizada na economia da salvação do antigo e novo

testamento. Quais destas verdades devem ser pregadas no nosso sermão de Missão ? Qual o critério para preferirmos umas a outras ? O critério não pode ser senão a necessidade ou utilidade espiritual do auditório.

Sendo, porém, proverbial a ignorância de grande parte do nosso povo, necessário será fazermos uma criteriosa seleção, conforme a maior necessidade ou utilidade. Conseqüentemente devemos pregar aquelas verdades reveladas a respeito de Deus que alicerçam os demais sermões de Missão e até a vida cristã inteira.

Em abstrato é, sem dúvida, a existência de Deus a verdade mais fundamental. Onde, eventualmente, a convicção cristã a respeito da existência de Deus tenha sofrido notàvelmente, será necessário tomarmos esta verdade como tema do sermão. Será êste o caso em uma região como a do Estado do Rio ? E notem bem: será êste o caso do auditório real que temos aí diante de nós? Pessoalmente tenho a convicção de que o nosso auditório não é o de São Paulo no Areópago. O paganismo, enquanto houver, afeta muito mais os costumes do que as convicções. Isto vale de todos os países que são ou eram tradicionalmente cristãos, como p. e. a França, e vale muito mais ainda, ao que me parece, da nossa pátria.

Qual será, então, a verdade salutar que devemos pregar antes de mais nada? Aquela que, na mentalidade de São Paulo, constitui o "mistério" central da nossa religião, o mistério por excelência, aquêle mistério, que estava oculto em Deus, desde a eternidade, mas agora foi manifestado ao mundo, do qual São Paulo, incumbido por Deus, é o pregador, o ministro, o apóstolo por excelência: "Mysterium, quod absconditum fuit a saeculis et generationibus, nunc autem manifestum est, ... cuius factus sum ego minister, secundum dispensationem Dei" (cfr. Col. 1, 25-26).

Qual é êste mistério ? É a verdade de que Deus não é um ser abstrato para nós e um estranho. Êle é, pelo contrário, um fator muito concreto na vida humana e está intimamente implicado na vida de cada um. E não para contrariar-nos, mas para levar-nos à felicidade. Mais ainda, Êle não espera até nós tomarmos a iniciativa da realização desta felicidade. Êle nos prevém; é Êle que toma a iniciativa da realização.

Êste plano Deus o concebeu desde tôda a eternidade, mas, então, estava oculto em Deus. Manifestou-o, porém, patente, plástica e palpàvelmente no seu Filho Único, enviando-o para, pela morte na cruz, nos garantir a possibilidade de alcançarmos a nossa suprema felicidade.

Êste é, na concepção de São Paulo, o mistério central da nossa fé cristã: mistério legìtimamente divino, mas simultâneamente profundamente humano. Deus deu verdadeiramente provas de tomar a iniciativa na reali-

zação da nossa felicidade. Mais do que nós mesmos é Êle que se preocupa com ela. Esta íntima implicação de Deus na nossa vida motiva a expressão **"Nosso** Deus" e **"Meu** Deus". Assim nunca falaram nem Aristóteles, nem Platão, nem outro filósofo algum, pois, não chegando a conhecer esta iniciativa divina na sua vida, não tinham motivo para falar em "Meu Deus". Esta mensagem é exclusivamente própria ao Cristianismo, à religião revelada, e não se encontra em nenhuma outra religião.

Deus toma a iniciativa na realização da nossa suprema felicidade, esta é a **boa nova,** o **"euangélion",** a verdade salutar por excelência. É esta a verdade — incompreensível mistério — a respeito de Deus — mas também a respeito do homem — que devemos pregar, antes de mais nada, no nosso sermão sôbre Deus. Não é, portanto, o mistério da SS. Trindade, nem o da Encarnação, por mais sublimes e fundamentais que sejam. Não é um mistério estático, daquilo que Deus **é,** mas um mistério dinâmico, daquilo que Deus fez e continua a fazer. Não diz respeito apenas a Deus, ou sòmente a Cristo, mas também ao homem, a cada homem individualmente. Deus toma a iniciativa na realização da felicidade de cada homem. A primeira obrigação do cristão consiste em curvar a inteligência diante dêste mistério e entregar-se ao mesmo, aceitando-o na obscuridade da fé. Êle não tem que fazer senão secundar a iniciativa divina. Eis a verdade que alicerça a Missão tôda e a vida cristã inteira. É esta a síntese do Evangelho, a vontade salvífica de Deus, concretizada na entrega de seu Filho. E' esta **boa nova,** que o nosso sermão e a Missão tôda pretendem trazer.

III. Como pregar esta verdade ?

Já vimos, na primeira parte desta conferência, que esta verdade há de ser transmitida ao auditório testificando, e não há de ser demonstrada raciocinando.

O revelado, porém, pode ser transmitido de vários modos, que podemos chamar o modo doutrinário, o modo histórico e o modo empírico.

1) O modo **doutrinário** é o mais simples e direto. Conforme êste o sermão poderia seguir p.e. o esquema acima insinuado: Deus não é um estranho para nós; Êle está intimamente implicado na nossa vida; não para contrariar-nos, mas para beneficiar-nos; Êle se preocupa mais com a nossa felicidade do que nós mesmos; Êle toma até a iniciativa na realização da mesma; Êle demonstrou-o, enviando seu Filho para, pela morte, garantir-nos a possibilidade de alcançar a nossa suprema felicidade. "Sic enim dilexit mundum, ut Filium suum Unigenitum daret, ut omnis qui credit in eum

non pereat, sed habeat vitam aeternam" (João 3, 16). "Mysterium quod absconditum fuit a saeculis et generationibus, nunc autem manifestum est, ... cuius factus sum ego minister secundum dispensationem Dei" (cfr. Col. 1, 25-26).

Êste modo doutrinário, porém, não tem — penso eu — particulares possibilidades oratórias.

2) Mais vivo e humano é o modo **histórico** de apresentar o nosso mistério que procede elaborando p.e. a história da pedagogia divina, iniciada no Antigo Testamento, individualmente nos patriarcas, profetas, juízes e reis e coletivamente no povo escolhido, p.e. a libertação do poder dos Egípcios, e culminando no Novo Testamento pela morte redentora do Filho de Deus.

E' evidente que êste modo apresenta possibilidades oratórias bem maiores, mas pressupõe no auditório um grau de conhecimento do Antigo Testamento que no nosso caso faltará em grande parte.

3) O modo **empírico** de apresentar o nosso mistério me parece o mais indicado para o nosso auditório. Ele consiste em confrontar a concepção a respeito de Deus que experimentamos em muitos dos nossos contemporâneos com a concepção de Deus da Revelação, confrontando a caricatura de Deus do mundo moderno com o Deus verdadeiro do Cristianismo. Poder-se-ia proceder, mais ou menos, assim:

Muitos concebem a Deus como sendo em primeiro lugar uma fôrça contrária ao homem, impedindo a felicidade por prescrições, proibições, castigos etc. Daí tantas práticas de superstição para aplacar êste Deus e assim neutralizar a influência dêle.

Outros relegam, pràticamente, Deus para o plano da vida futura; pensam não precisar dêle para a vida aqui na terra; Deus não lhes é um fator de importância; êles se dispensam de Deus; é o indiferentismo religioso e o materialismo prático; Deus não tem lugar na vida dêles; certamente não admitem que Deus se preocupa mais com a felicidade dêles do que êles mesmos.

Tais concepções traduzem mais uma caricatura de Deus do que o Deus verdadeiro do Cristianismo. Nós cremos que Deus, desde tôda a eternidade, se preocupa com a nossa felicidade, em primeiro lugar com a nossa felicidade eterna, mas também com nossa felicidade aqui na terra. E a prova apodíctica é que Êle enviou seu próprio Filho para participar na nossa vida em humildade, sujeição, sofrimento e morte, para assim garantir-nos a possibilidade de alcançar nossa verdadeira felicidade, aqui na terra através de

dificuldades, adversidades, sofrimento e morte, como Cristo; mais tarde, superada a morte, na glória eterna, também como Cristo.

Não tenho a ilusão de que um sermão como êste, sôbre Deus, tenha um caráter fascinate, eletrizante e sensacional. Mas tenho a convicção, sim, de que, transmitindo esta mensagem central da nossa fé "Deus toma a iniciativa na realização de nossa felicidade", **confortamos** o homem moderno, particularmente aquêle que, embora viva afastado da religião, já fez o passo tremendo de agregar-se ao nosso auditório e, portanto, já está no meio caminho da conversão.

Estejamos profundamente convencidos de que senão tudo, contudo muito está ganho se conseguirmos persuadir os ouvintes a aceitarem, na obscuridade da fé, êste mistério, aliás tão confortador. Pois, esta convicção constitui a base para entregar-se a esta iniciativa divina, secundando-a. Alcançar isso é a tarefa, direta ou indireta, dos demais sermões da Missão e da vida cristã inteira.

Enquanto o cristão não perde a fé nesta iniciativa divina, concretizada na morte redentora do Filho de Deus, podemos continuar a ter esperança positiva e fundada a respeito dêle.

Qualquer aprofundamento, portanto, por mais modesto que eventualmente seja, da convicção dos ouvintes neste mistério, é um lucro que excede em importância a muitos outros sermões e conferências sôbre outros assuntos.

A FORMAÇÃO DOS JOVENS RELIGIOSOS

Padre Paulo Bannwarth S. J.

I

Um fato alarmante não pode deixar de preocupar vivamente a quem atente à situação dos religiosos e do clero em geral. As nossas cidades enchem-se de egressos que abandonaram a vida religiosa depois de pronunciados os votos perpétuos, simples ou solenes. As Escolas Apostólicas, Seminários e Noviciados lamentam saídas em massa de candidatos que pareciam promissores. Verdade é que estas instituições têm mesmo por fim selecionar os candidatos aptos e descartar os inaptos; poder-se-ia no entanto esperar entre nós, como se dá alhures, um índice de perseverança mais consolador.

Deserções de todo lamentáveis são as de religiosos já provados, recebidos e ligados pelos votos. Trânsfugas dêstes, registram-nos tôdas as etapas da vida religiosa: o ciclo dos estudos humanísticos, filosóficos e teológicos; o estágio do magistério, os mesmos anos que seguem a Ordenação Sacerdotal. Há ainda os que, sem abandonarem a vida religiosa, vivem nela sem espírito, sem fervor, objeto de escandalo para os confrades, de preocupações para os Superiores.

Plantas assim abaladas, derrubadas ou desfolhadas, não por furiosos vendavais, mas ao sopro das dificuldades de cada dia, não tinham evidentemente raizes firmes, nem robusta nervatura. Os anos de sua formação não conseguiram assentar-lhes princípios sólidos, firmar-lhes convicções inabaláveis. Não lograram imbuí-los dos ideais evangélicos de renúncia e de amor, que condicionam o seguimento de Cristo na vida religiosa.

Onde está a causa dêste fenômeno? E' o que procuraremos investigar nêste modesto estudo.

II

Lembraremos de início que um tríplice elemento atua na primeira for-

mação, como aliás na preservação e expansão da vida religiosa: a graça de Deus, a ação do educador e a cooperação do discípulo.

A graça de Deus: sempre presente e ativa, a solicitar a vontade e estimular-lhe a generosidade, (ecce sto ad ostium et pulso). Quando acolhida com prontidão e devidamente obedecida, não pode deixar de levar o homem à perfeição da Santidade.

Papel preponderante e delicado na formação, desempenha o mestre de noviços, o Superior em geral: é o instrumento de Deus, o intérprete de Sua vontade, amparado ainda pelas regras, pelas tradições e pela própria experiência. Cabe-lhe esclarecer a inteligência do formando, à luz da razão e da revelação, sôbre as grandes verdades do cristianismo como sôbre a natureza e excelência dos conselhos evangélicos. Cabe-lhe ainda levar, com suavidade mas vigor, a vontade a aceitar livre e espontâneamente as consequências de ordem prática que dêstes princípios se derivam. Formando assim convicções firmes e vontades resolutas, deverá aperfeiçoar, por um exercício contínuo, a personalidade sobrenatural do educando, pela abnegação de si mesmo, pela sujeição da vontade, pelo domínio das paixões, por um zelo ardente e iluminado.

O elemento principal é evidentemente o próprio candidato à vida religiosa. E' uma pessoa humana, que, livre e espontâneamente renunciando aos bens, à família e à liberdade, se oferece à religião para ser guiada à perfeição própria e à salvação, não raro com heroismo, que no entanto não transforma esta pessoa. Nela, passados os primeiros fervores, far-se-á sentir a ação de duas fôrças antagônicas: **a graça,** sempre a despertar energia e estimular generosidades; a **natureza,** com todo o lastro de misérias, apetites e hábitos a contrariar a ação da graça.

E' a inevitável luta do homem velho com o homem novo. Para esta luta é que o jovem religioso deve ser preparado e aparelhado nos anos de formação. Mestre e educando devem agir. E' um trabalho indispensável. No entanto as duas ações não são simplesmente coordenadas, devem ser subordinadas, porque a vontade do súdito deve, racional e livremente sujeitar-se à orientação do Superior.

Direção esclarecida, segura e continuada de uma parte, docilidade confiada, resoluta e constante da outra, são as condições de uma formação completa. E desta dependem a conservação e o progresso da vocação religiosa. Provam-no à saciedade, as providências de Papas e Concílios, as ordenações de todos os fundadores.

III

Tratemos agora do reparo inicial sôbre as inúmeras defecções de jovens religiosos. Haviam ingressado no noviciado com vontade decidida. Haviam começado a sua formação com fervor e alvoroço. Passados poucos anos, voltam ao mundo, às vêzes obrigados por causa de suas faltas, talvez mais geralmente por espontânea vontade, sem relutância, até com a máxima naturalidade.

E' evidente que os anos de formação não conseguiram fundamentar princípios firmes, arraigar convicções profundas, consolidar as vontades, fixar os ideais.

Onde a causa deste fracasso? Não se podendo responsabilizar a graça divina, devemos procurá-la num dos outros elementos: no material humano que se tornou refratário à ação do mestre, ou na inépcia dêste que não soube aproveitar o material, por outro amoldável.

As incriminações são mútuas. O mestre se queixa que a juventude está mudada. Já não tem nem a plasticidade nem a têmpera de outrora. Os jovens respondem que não compreendem o mestre e sobretudo não são compreendidos por êle. Tende a produzir-se assim um vazio entre as partes, impossibilitando a cooperação necessária para a formação.

A juventude mudou. "Efetivamente, confirma Pio XII, não é uma frase vã". E faz notar: "Convém não esquecer que esta queixa de incompreensão não é nova. Encontra-se em tôdas as gerações e é recíproca: entre a idade madura e a juventude, entre pais e filhos, entre mestres e discípulos". Lembramos aqui as palavras de Horácio, que já velho e como todo velho, laudator temporis acti, se lembrava da crescente decadência das gerações novas.

> Aetas parentum pejor avis, tulit
> nos nequiores, suore daturos
> progeniem vitiosiorem.
> (a geração dos nossos pais, já piores que nossos avós, gerou-nos mais perversos, a nós que breve produziremos uma geração ainda mais perversa).

"Porventura, observa Pio XII, o motivo da diversidade da juventude de hoje, é o que constitue o objeto de frequentes observações e lamentos; a juventude é irreverente para com muitas coisas que dantes, desde a infância e quase naturalmente eram olhadas com o mais profundo respeito. Mas, desta sua atitude não tem a juventude atual tôda a culpa. A gente nova de hoje viveu nos anos da infância, coisas horríveis e viu falirem

e cairem miseràvelmente, ante seus olhos, muitos ideais, outrora em alto apreço. Assim se tornou difidente e repulsiva".

Quais os defeitos que notamos nos jovens que se apresentam como candidatos? Os jovens, já o ouvimos são irreverentes. Mostram um espírito de independência e de revolta, uma busca exagerada de comodidades. Há nêles um prurido de novidades nas opiniões, na liturgia, mesmo na ascese. São superficiais, cuidando de esterioridades, incapazes de um trabalho sério e aturado. Se realmente são assim êsses jovens, reconhecemos neles um reflexo fiel da sociedade em que cresceram, irreverente, revoltada, comodista, formada na escola da televisão, do rádio, do cinema, das revistas, dos clubes, dos estádios, das praias.

O jovem não pode ser normalmente senão o produto de sua época e do seu meio. E no entanto, é êste jovem que se apresenta às portas do cláustro, levado pela graça da vocação, iluminado pelo ideal religioso, cheio de entusiasmo, praticando não raro atos de renúncia heróica, e, notemos bem, disposto a levar adiante uma vida de abnegação e sacrifícios, sem temer corrigir-se de qualquer defeito ou fraqueza. Assim sendo, qual a causa de tantos fracassos e defecções?

IV

Antes de tentar uma resposta e prepará-la, vamos firmar alguns princípios básicos.

1 — E' certo que hoje como ontem Deus chama para a vida sacerdotal e religiosa jovens escolhidos, e chama-os tais quais êles são, com os defeitos pessoais, falhas de educação, possíveis deformações e taras. Chama-os e dêles pretende fazer santos sacerdotes e religiosos.

2 — E' certo que êstes jovens, chamados por verdadeira vocação divina, ingressando com fervor e sinceridade têm normalmente capacidade para assimilar o espírito da Congregação e nela perseverar e se santificar.

3 — A ação do mestre, se êle tiver os requisitos sobrenaturais e os dotes naturais, tem normalmente capacidade para encaminhar para a perfeição e estabilizar em sua vocação êsses candidatos que a Providência lhe confiou.

4 — O trabalho da formação não pode limitar-se ao tempo do noviciado. Deve-se acompanhar o jovem até a madureza de adulto na religião. Esta maioridade religiosa não se atinge normalmente antes do Sacerdócio ou da profissão solene ou perpétua.

5 — Casos haverá em que não se reconhece claramente vocação verdadeira ou sinceridade, ou aptidão e solidês no noviço; enquanto subsistir dúvida prudente não se deve admitir aos votos.

6 — Urge necessàriamente contar com os imprevistos e desenganos decorrentes da fragilidade humana. Na própria escola de Cristo houve um traidor e um renegado. São porém casos excepcionais e raros onde houver formação sólida.

A luz dêstes princípios somos fàcilmente levados a concluir que de um modo geral, é responsável pela onda de defecções, a falta de formação séria, adequada, completa e continuada.

V

Daí a grande responsabilidade do mestre e da religião que lhe confia a missão de formar. Sentem-se os Superiores levados a submeter também estes mestres a uma formação especializada, em biênios de teologia ascética que se vêm introduzindo.

E com razão.

Exige-se do mestre o conhecimento não só da ascese clássica nas modalidades das diversas escolas, como também das tendências modernas. Nova terminologia, novos métodos, novas teorias, aprovadas umas, outras adiantadas ou mesmo perigosas correm na farta literatura religiosa e transbordam para a imprensa popular; ignorá-las seria colocar-se em situação inferior e de mediocridade.

Exige-se no mestre uma razoável adaptação aos tempos. O progresso material, o padrão geral da vida, a mesma compleição das gerações novas criam quanto à higiêne ou às comodidades, exigências de todo justificadas, mas que escandalizariam os bons velhos.

Justa compreensão também da psicologia moderna. O tabú da democracia, o prurido de liberdade, o nivelamento das classes, a mania da espontâneidade e do ativismo formaram uma mentalidade avessa à severidade, disciplina e austeridade de outrora. Ademais, confiança razoável e prudente na boa vontade do súdito: crítica, reticências, interpretações sinistras irritam as gerações novas, tanto mais que na realidade carecem da têmpera rija, da constância e do vigor das antigas.

Generosa concessão, ainda, às iniciativas individuais. Procure-se estimular e impulsionar o jovem antes pelo método positivo do entusiasmo, do que pelo negativo de sempre apontar males a evitar.

Acima de tudo porém um cunho de santidade que deve desabrochar,

a exemplo do Divino Mestre, numa caridade sincera, numa fraternal dedicação, no sacrifício paciente e incansável, numa humildade que se manifeste em atos, no interêsse sincero de ajudar a um qualquer. Que a solução do problema esteja, pelo menos em grande parte na escolha e na atuação de um mestre ou de um superior à altura, afirma-o peremptòriamente o Santo Padre Pio XI na sua admirável enciclíca "Ad catholici Sacerdotii". Diz o Santo Padre: "Assim pois Veneráveis Irmãos, todos quantos participais conosco os cuidados do govêrno da Igreja, importa que considereis os Seminários como as pupilas dos vossos olhos; sejam êles o objeto principal das vossas solicitudes. Ponha-se antes de tudo a maior diligência na escolha dos superiores e dos mestres, e, muito particularmente, da pessoa daquele a quem se há de confiar o importantíssimo encargo da formação espiritual das almas sacerdotais. Aos vossos seminários dai os Sacerdotes adornados da maior virtude; nem hesiteis em arrancá-los a outros cargos, aparentemente mais relevantes mas que em realidade não sofrem confronto com esta obra capital e insubstituível. Ide buscá-los até a outras partes, onde quer que os encontreis aptos e idôneos para êste nobilíssimo cargo. Sejam tais que ensinem as virtudes sacerdotais mais ainda com o exemplo que com a palavra; e de tal maneira exponham a doutrina que vão formando nos alunos uma alma forte, varonil e apostólica. Com o seu influxo floresçam no Seminário a piedade, a castidade, a disciplina e o estudo; e os jovens confiados à sua direção sejam cuidadosamente premunidos não só contra as tentações e seduções presentes, senão também contra os perigos bem mais graves a que se hão de ver expostos no futuro e a que terão de resistir, para salvarem a todos".

CONCLUSÕES

1 — E' voto de todos que os Mestres de noviços e Superiores façam objeto de suas leituras, meditações e exames as grandes diretrizes traçadas por Pio X na Exortação ao Clero: Hoerenti animo; por Pio XI na Enciclica ad Catholici Sacerdotii; por Pio XII na magistral exortação Menti Nostrae.

2 — Não poupem os Superiores sacrifícios para que os mestres de noviços tenham a sua biblioteca especializada de educação, formação e ascese, destinando uma verba anual não só para aquisição das obras clássicas mas também das modernas mais recomendadas.

3 — Cogite-se na possibilidade de uma reunião de mestres de noviços, Superiores de casas de formação e promotores das vocações para o estudo dos grandes problemas de formação sólida das gerações novas.

CONDIÇÕES E TÉCNICAS DO ESTUDO

Irmão José Otão, Marista

1 — O homem traz do berço várias tendências, por êsse motivo denominadas inatas, e, com o andar dos anos e sob o influxo de numerosos fatôres adquire outras, as quais, desenvolvidas e aperfeiçoadas, podem tornar-se habilidades ou técnicas. Dentre estas últimas está a habilidade para o estudo, habilidade que todos deveriam procurar adquirir.

Nos países cultos tôdas as crianças cursam pelo menos a escola primária, com duração média de quatro a cinco anos. Bom número de jovens também seguem a escola de nível médio, a qual se estende por um prazo nunca inferior a cinco anos; alguns, a escola superior, em ramo especializado, segundo as tendências próprias. São, por conseqüência, cinco, dez, quinze ou mais anos de estudo. Durante êstes anos aprendeu-se um pouco de tudo e, muitíssimas vêzes não se aprendeu a estudar. Em conseqüência, muito esfôrço escolar se torna inútil e improdutivo e numerosos jovens não vencem na escola.

Uma experiência pessoal de quase trinta anos de magistério convenceu-me de que inúmeros ginasianos e colegiais e mesmo acadêmicos não sabem estudar ou não conhecem as melhores técnicas, vencendo, por vêzes, assim mesmo, nos estudos, em virtude de certa intuição natural.

Inteligências de nível médio ou superior fariam prodígios se empregassem as técnicas devidas; e, inteligências menos dotadas também conseguiriam alguns resultados com seu emprêgo.

* * *

2 — Para esclarecer o problema devemos começar por definir o que seja o estudo. Em tempos passados, estudar era aprender de cor o que se encontrava nos textos ou o que o professor ensinava.

É evidente que tal conceito já não tem curso, especialmente desde que a psicologia da aprendizagem realizou estudos e pesquisas em tôrno dêste problema e chegou a resultados excelentes. Varia, sem dúvida o conceito do que seja o estudar e o aprender, de acôrdo com as numerosas correntes da psicologia da aprendizagem.

Poderíamos, nesta altura, citar os conceitos emitidos pelas várias escolas, como a mecanicista, a gestaltista, a personalista, a dinâmica e outras. Poderíamos citar Thorndike, Kilpatrick, Colvin, Woodworth, Humphrey, Morrison e outros. Isso tudo, pouco adiantaria, pois, as escolas e os autores divergem consoante os pontos de vista seguidos.

Sendo coisas distintas o estudar e o aprender, daremos de ambos uma definição, frisando bem que nosso objetivo, nestas linhas, não é o ensino, trabalho próprio do professor, mas o estudo, trabalho do aluno e do professor, em particular no esfôrço daquêle e na colaboração que deve ser dada por êste.

Para o primeiro adotaremos o conceito de Ernestina Giordano em "Estudos dirigidos ou orientação nos estudos": "Em sentido lato, estudar é aplicar voluntàriamente a atenção para chegar a conhecimentos novos, confirmar conclusões anteriores, ou destruir afirmações tidas até então como verdadeiras, o que acontece com o estudo enquanto pesquisa científica. É também assimilar idéias de outrem, refletir sôbre elas, compreendê-las e, às vêzes, memorizá-las. É ainda transformar conhecimentos intelectuais em atitudes e repetir atos para formar hábitos".

Para o segundo, podemos adotar o conceito de Violeta Villas Boas, emitido no Curso" Fundamentos do Estudo Dirigido": "O aprender é a aquisição, eminentemente pessoal, é a integração de estímulos representados por novas formas de sentir, pensar e agir, que se traduzem em domínio de técnicas, noções habituais, atitudes etc.".

Ou, estoutra, média dos resultados da psicologia da aprendizagem: "Aprender é assimilar o que se lê ou se ouve de modo tal que os novos conhecimentos, integrados aos já adquiridos, possam, fácil e livremente, ser evocados e aplicados".

Percebe-se de imediato, que esta última definição não se refere às habilidades manuais, mas exclusivamente ao aprendizado de conhecimentos intelectuais. Percebe-se, outrossim, que o ato de aprender é um ato de todo humano, corpo e alma, o que aliás, é plenamente confirmado pela psicologia moderna.

Embora o tema que desenvolvemos se refira ao estudar e ao apren-

der, ocupar-nos-emos em especial do aprender, que é o fim procurado pelo estudo.

A psicologia da aprendizagem, após experiências variadas, chegou a duas conclusões muito importantes ligadas ao assunto:

a) o emprêgo de métodos científicos torna o aprender mais eficiente;

b) o interêsse e o gôsto pelo estudo aumentam quando se utilizam as técnicas ou métodos científicos.

De posse dêsses dados parece interessante procurar descobrir quais são os "métodos científicos" do estudo, pois poderão prestar serviços inestimáveis aos jovens escolares e também aos intelectuais em geral, visto estudarem êstes tôda a vida.

* * *

3 — Começaremos por indicar as condições para o bom resultado de um método científico. Essas condições, de caráter experimental, podem dividir-se em extrínsecas (físicas e fisiológicas) e intrínsecas.

Dentre as primeiras são fundamentais: um local sossegado, bom arejamento, boa luz, comodidade razoável etc. assim como funcionamento regular de órgãos, em particular dos olhos, alimentação regular, descanso metódico, etc.

Dentre as segundas, citaremos a normalidade psicológica, a vontade de estudar, a planificação dos estudos, etc.

Tôdas elas são apenas "condições" de êxito no estudo.

Examinaremos essas condições.

O local sossegado refere-se evidentemente ao meio físico. O estudante pode estar em movimento, em ação, sem destruir o sossêgo de que se trata. A pedagogia científica, voltou-se mais para a ação do que para a passividade e isto porque " o pensamento tem um substrato essencialmente motor" (Rui C. Costa) e "há mais resultado numa educação psico-motriz" (Mira Y Lopes).

E' êsse princípio psico-pedagógico que está na base da escola ativa, permitindo esta, liberdade de movimentos com os quais alcança mais eficiencia escolar.

E' também baseada nêste princípio, apreendido sem dúvida intuitivamente, que Maria Montessori, na "Casa dei Bambini", dá liberdade muito grande às crianças e delas consegue a atenção, fundamento da aprendizagem.

O movimento, pois, longe de perturbar o estudo, pode ajudá-lo e é às vêzes necessário.

O principio é válido principalmente para as crianças, mas é tambem benéfico para os adultos.

As horas de estudo devem por conseqüência, ser intercaladas com pequenos descansos, durante os quais é preciso dar-se a alguns movimentos físicos para evitar o arrefecimento da circulação nas extremidades e a circulação do sangue na cabeça.

Com referência ao arejamento da sala, sabe-se que durante o trabalho intelectual há maior consumo de oxigênio do que em tempo de repouso; daí a necessidade da renovação do ar e daí, também, a vantagem, sob êsse aspecto, das aulas ao ar livre (Houve um congresso sôbre êsse assunto: vide Psc. Anl. - Espanha - nº Ag. St. Out. de 54).

Há experiências de Lobsien sôbre a influência favorável do ar puro nos estudantes sob o ponto de vista do aprendizado.

Observações análogas foram feitas no tocante à iluminação da sala de estudos. A luz deve ser repartida uniformemente, ser fixa, difusa e suficientemente intensa. A melhor luz é a solar, apesar de, às vêzes, não satisfazer a tôdas as condições supra. A sala de estudos deve estar disposta de modo tal que a luz venha pela esquerda.

Finalmente, devemos considerar também a comodidade como fator que influi no aprendizado. Entende-se por ela que o estudante deve estar sentado cômodamente, em boa postura, e ter os livros de estudo sôbre a mesa, levemente inclinada para êle. Essa é considerada a melhor posição, pois não exige outro esfôrço senão o cerebral.

Ao lado das condições físicas de grande importância quero lembrar umas outras, fisiológicas, as quais também podem influir no rendimento ou prejuízo de estudo.

Assim, o bom funcionamento dos órgãos sensoriais, em particular da visão e da audição, é de importância singular para o estudo. A suficiente nutrição, reparadora das perdas ocasionadas pelo esfôrço escolar, e, sobretudo, a regularidade do descanso noturno, são outras tantas condições que influem poderosamente nos resultados do estudo.

Existem ainda outras condições fisiológicas. As principais são:

Procurar uma temperatura ambiente entre 17 e 20 graus centígrados (isso vale para os países de temperaturas muito variadas), estudar de preferência de manhã, pois o trabalho pela manhã pode ser considerado como dez ou quinze por cento superior ao da tarde ou da noite (isso, em parte depende do costume); não estudar nas duas horas que se seguem às refeições principais, a fim de não desviar para o cérebro o sangue que deve

realizar o trabalho digestivo; estudar sempre às mesmas horas, de modo a alternar os períodos de estudo e descanso e criar o "hábito" do estudo, sumamente benéfico ao aprendizado; não estudar deitado, pois, além do cansaço inútil das mãos para segurar o livro há, em geral, má posição para os olhos e, ainda, dificuldade para a tomada de apontamentos, sempre necessários num estudo bem feito.

Não podemos silenciar sôbre outro grupo de condições, as intrínsecas, as quais, para alguns pedagogos, são mais importantes que as anteriores. Destaca-se entre elas a normalidade psicológica. Embora difícil de estabelecer o critério de tipo psicológico normal, é certo que as anomalias, numerosas, representam forte impecilho aos estudos. Citamos ainda a vontade de estudar, o querer estudar, a disposição psíquica para o estudo. Todo o resto de pouco serviria, se esta faltasse. E, finalmente, um plano de estudos, um ideal a atingir, uma finalidade bem definida.

Estabelecidas as condições da psico-higiene, vejamos agora as técnicas científicas experimentais do estudo.

* * *

4 — A Pedagogia Científica e a Psicologia Educacional multiplicaram em nosso século as experiências para estabelecer as técnicas da aprendizagem. Vamos assinalar as principais. Poderão ser de grande proveito para muitos. A aprendizagem completa compreenderá 4 operações: compreensão, fixação, reprodução, e aplicação. Vejamos preliminarmente as técnicas da compreensão.

A primeira técnica a seguir-se no estudo consiste em começar por compreender o texto a estudar. Compreender o sentido de tôdas as palavras e do texto todo. Êste trabalho se realizará com o auxílio do professor ou do dicionário. Não se poderá encarecer suficientemente a importância dêste esfôrço para compreender, pois, êle representa boa parte do trabalho da aprendizagem e permite ao estudante adquirir justeza e propriedade tanto no linguajar falado como no escrito. As experiências provam que os recursos verbais e linguísticos dos bons e maus alunos diferem profundamente em consequência de os últimos não se preocuparem, em geral, com o aprendizado de vocabulário. Quanto mais fàcilmente fôr compreendido o texto, mais fàcilmente será aprendido e assimilado.

A segunda técnica para o estudo é a distinção a ser feita entre o essencial e o secundário no texto lido ou escutado. Esta distinção permitirá salientar o que se denomina "unidade lógica do pensamento". É evidente que, em geral, basta assimilar o essencial. Muitos jovens têm grande difi-

culdade no estudo porque não são capazes de separar o essencial do acessório, não lhes sendo possível aprender tudo. Para que os jovens adquiram essa técnica, faz-se mistér sejam realizados exercícios em aula, exercícios ditos de "inteligência" por meio dos quais o professor ensina a destacar o essencial do acessório. E' para êsse fim, também que os professôres, no fim de cada aula, fazem breve apanhado do assunto desenvolvido e, no início da nova aula, começam por lembrar os pontos centrais do tema abordado na lição anterior. Para os alunos de inteligência e atenção normal êstes dois exercícios são muito proveitosos para desenvolver a técnica de que falamos, isto é, a capacidade de discernir o essencial do acessório.

Um modo prático de destacar o essencial em notas, livros, etc. é sublinhar as linhas correspondentes, ou, pôr traço vertical na margem. Dêste modo ao esfôrço intelectual junta-se um auxílio sensorial.

Podemos afirmar que o estudante incapaz de sublinhar as idéias dominantes de um trecho não tem capacidade para a apreensão sintética dos temas, não tem visão de síntese, não tem, por isso mesmo, capacidade para investigações.

A terceira técnica para o estudo é a organização de resumos, de esquemas ou quadros sinóticos dos textos a aprender. Mas, a organização dêstes esquemas exige do estudante aquilo de que falamos há pouco, i. é., a visão de síntese e a capacidade para exprimí-la.

A melhor maneira de organizar notas é o sistema de fichas, pois, permitem consulta rápida e facilitam a renovação ou a atualização.

As três técnicas que assinalamos correspondem à primeira fase do problema do aprender, que é a compreensão.

É para facilitar o trabalho da compreensão que existe o professor e que existem as escolas. Mas, como veremos, o esfôrço do professor representa apenas uma parcela no complexo problema da aprendizagem.

Seguem-se agora as outras duas, que são a fixação e a posterior reprodução.

Vejamos as técnicas da fixação. Sendo o problema da fixação tão importante quanto o da compreensão, foi êle muito estudado por pedagogos e psicólogos. Duas técnicas ou métodos de fixação surgiram: método global ou total e método parcial ou fragmentário.

O primeiro consiste em ler o trecho e estudá-lo de extremo a extremo; o segundo em dividí-lo em partes para estudá-las separadamente. À primeira vista todos dirão que o segundo é superior ao primeiro; mas, assim não é, ou melhor, cada um tem sua época propícia de emprêgo. Assim o método fragmentário será mais empregado pelas crianças porque lhes falta capacidade

e fôlego para um esfôrço mais longo; o método global será preferido pelos adultos.

Seu emprêgo eficaz revelará, aliás, maturidade de espírito e capacidade mental. Não podiam faltar métodos intermediários, especialmente úteis para o aprendizado de trechos longos. São dois, um devido a Meumann e outro, a Pechstein.

O de Meumann, denominado método misto ou intermediário, consiste em ler a lição completa e dividí-la, a seguir, em várias partes segundo as dificuldades, fixando-as, após, sucessivamente. O de Pechstein, denominado método parcial progressivo, segue o critério inicial de Meumann e, após estuda cada parte, não prosseguindo antes de associar a última aprendida às anteriores.

Não devemos dar por encerrado o exame da fixação do aprendizado sem antes formular a pergunta: Quantas vêzes deveremos repetir a leitura do texto, ou então, como deverão ser estas leituras?

Não passou despercebido êsse problema aos investigadores. Examinaram-no Ebbinghaus, Jost, Piéron e outros. A conclusão a que chegaram é esta: uma repetição é infrutífera se feita dentro de um intervalo de tempo inferior a dez minutos; torna-se mais eficaz à medida que aumenta o tempo do intervalo entre as repetições, atingindo o ponto ótimo, com o intervalo de 24 horas.

Compreende-se não haver necessidade de esperar todo êste tempo.

Antes de passarmos à técnica de evocação ou reprodução, lembremos que um grande obstáculo à fixação é constituído pelas emoções. Qualquer excitação dos centros subcorticais — caso das emoções — determina por indução a inibição das céculas corticais. E' por êsse motivo que a aprendizagem não se realiza ou se realiza mal sob o influxo do mêdo. Um estudante sabedor de que vai ser punido, se não aprender isto ou aquilo (quem não lembra os "bons tempos" do "bolo"...), aprende-o tanto mais dificilmente quanto maior fôr o castigo prometido.

A aprendizagem requer, pois, normalidade emocional. Obtêm-se melhores resultados com atos de paciência e apêlos de brandura do que com sofreguidão e violência.

A fixação do aprendizado se verificará pela evocação, terceira etapa do processo geral da aprendizagem.

Vejamos as técnicas da evocação. Parece estranho falar em técnicas de evocação, julgando muitos bastarem as da fixação. Mas, assim não é: há técnicas para aprender e técnicas para evocar a aprendizagem.

Uma primeira técnica consiste em fazer simplesmente um esfôrço evo-

cativo após curto intervalo de descanso. Êste processo, no início, dá pouco resultado.

Uma segunda técnica consiste em também reproduzir o trecho lido com palavras próprias, procurando focalizar o essencial. Atingindo êste mínimo, aos poucos se lhe incorporam os pormenores complementares.

É importante lembrar que as experiências mostraram ser muito eficaz a evocação, se a aprendizagem se fêz com leituras repetidas, intercaladas com repousos de pelo menos dez minutos.

Aqui também, como na fixação, podem interferir, tendo efeito inibitório, as emoções de certa ordem.

Dentre as inibições devem ser mencionadas duas muito pesquisadas por Froebes, Gemelli, Mc Geoch e outros. São as inibições associativas e reprodutivas, ambas muito prejudiciais, devendo ser evitadas com cuidado. Um exemplo nos permitirá compreender em que consistem. Suponhamos que alguém aprende ao mesmo tempo o alfabeto grego e o hebraico, comparando-os com o latino, que já conhece. Êle, naturalmente, associa a um mesmo som, símbolos diferentes ou sinais visuais diferentes o que provocará na hora de evocação as inibições associativa e reprodutiva (dificuldade de associar convenientemente e conseqüente dificuldade de reproduzir).

Também pode ser citada "a inibição parodoxal", estudada por Pawlow, a qual consiste na inibição verificada em casos em que o objeto do conhecimento ou o estímulo é comum e trivial e assim mesmo não conseguimos evocá-lo ou, ainda quando queremos "com certa pressa" recordar um fato, um pormenor, um nome e não o conseguimos, ainda que o consigamos fàcilmente ou espontâneamente horas depois.

E, por fim, mencionaremos também a "inibição regressiva" a qual consiste em esquecer ou em recordar com dificuldade o que já se estudou à medida que se prossegue num determinado estudo. Numerosos pesquisadores com Mc Geoch, Stoering, Hunter e outros a consideraram a causa principal da incapacidade de recordar.

Ela varia com a idade, com o grau de inteligência, com a intensidade do trabalho intelectual que se realiza etc.

Pode-se diminuí-la alternando as vias sensoriais da aprendizagem: visual, acústica, motora, etc.

De um modo geral as inibições serão evitadas pela atenção e pela sistematização dos estudos.

E' para evitar a formação de inibições, isto é, para estabelecer descansos regulares que existem os recreios nas escolas. Cabe aos professôres e também aos alunos respeitá-los.

Idênticamente, quando o aluno estudou por tempo regular uma determinada disciplina não deve logo passar a outra, mas, fazer um intervalo de dez a quinze minutos, com o que evitará o perigo das inibições de tôda ordem e terá resultados compensadores. O período ótimo do estudo contínuo não deve ser superior a hora e meia. Se os horários escolares prevêem tempo maior, há necessidade de um intervalo para o descanso.

* * *

5 — Com o estudo da evocação ou reprodução pareceria termos esgotado o trabalho do aprender. Mas, assim não é, pois, falta examinar o complemento natural de qualquer aprendizagem que é a capacidade de aplicação, capacidade de utilização imediata, quando necessária, do que se aprendeu. Sabemos serem coisas distintas a teoria e a prática. A experiência de todos os dias mostra a necessidade das aplicações para confirmar a aprendizagem. Em Matemática, em Física, por ex., conhecer a teoria e resolver problemas são assuntos muitos distintos embora correlacionados, e muitas vêzes o estudante, mesmo conhecendo razoàvelmente a primeira, não consegue haver-se com a segunda.

Essa falha se verifica por duas causas principais. Em primeiro lugar não são feitas, talvez, práticas suficientes nas escolas, especialmente nas secundárias e, dêste modo, o estudante não adquire uma visão completa dos casos gerais que se apresentam nas aplicações.

Em segundo lugar, o estudante pretende realizar a prática, que é a quarta fase do trabalho da aprendizagem, servindo-se apenas da primeira, da compreensão do ensino resultante das explicações dadas pelo professor em aula. Quer prescindir da fixação e da evocação da matéria teórica, pois, desta, em geral só se ocupa em tempos de exames... Daí seu insucesso nas aplicações práticas. Estas só poderão ser realizadas com segurança e proveito após a assimilação dos fundamentos técnicos que as condicionam.

* * *

6 — Tudo o que foi dito refere-se ao problema da aprendizagem em indivíduos tanto quanto possível normais.

Compreendemos agora quão complexo é o problema do estudo e aprendizagem e quantos esforços deve fazer o professor para amparar o estudante na solução dêste problema. O primeiro passo a dar, porém, é o estudo, é o conhecimento da questão em seus mínimos detalhes pelo

próprio professor, pois só após o conhecimento de todos os processos que o assunto comporta, poderá empregar os meios que a experiência científica, e não apenas o empirismo, recomendam.

É preciso, a seguir, habilitar o jovem a organizar o próprio trabalho intelectual, de modo seguro, científico e racional. O estudo é auto-ensino, afirma Foster; é ensino conduzido pelo próprio indivíduo que estuda. Não bastam recomendações para o estudo, nem advertências, nem reprimendas. É necessário algo de objetivo, de concreto, de positivo. O estudo deve tornar-se hábito nos colegiais e especialmente nos acadêmicos, pois, êstes, mesmo quando profissionais, devem continuar a estudar o resto da vida.

Tôda aquisição de conhecimentos, como, aliás, tôda educação requer participação pessoal e o resultado será tanto melhor quanto mais eficiente fôr o esfôrço próprio. De quanto se aprende, algo permanece, se fixa, se incorpora, constituindo o ponto de partida da cultura. É precisamente para melhorar a eficiência do esfôrço próprio que servem as considerações supra, as quais representam apenas uma contribuição para a solução de um grave problema escolar.

Resumindo, direi que a aprendizagem compreende quatro fases, das quais só a primeira e um pouco a última, dependem diretamente do professor. As demais, e são fundamentais, dependem do estudante.

Compreensão, fixação, evocação, aplicação, eis os quatros aspectos do estudar e do aprender. É necessário que nas escolas o aluno seja orientado, seja dirigido, pelo menos durante certo tempo, até que possa continuar sòzinho, como "estudante-autônomo", sua tarefa. Se faltar essa orientação será êle um auto-didata com todos os defeitos que o fato implica.

Cabe assim ao professor realizar bem a parte que lhe toca, não esquecendo de "ensinar" ao aluno a cumprir a sua.

BIBLIOGRAFIA

Rui Carrington de Castro — Em "Acêrca do estudo eficiente", Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, n.º 50, abril-junho, 1953.

Ernestina Giordano — Em "Estudo dirigido ou Orientação nos estudos", Revista "Formação", n.º 168 e 169.

Fr. Léon, Marista — Em "Pour Mieux Enseigner" — Tradução do Irmão Eugênio Damião, Livraria Francisco Alves.

Mário Casotti — Em "Come si studia", em "Suplemento pedagógico" anos 1951 - 1952: nrs. 1, 2, 3 e 4.

Josué Cardoso D'Afonseca — Estudo dirigido da matemática, em Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, n.º 58, abril-junho, 1955.

Violeta Villas Boas — "Como estudar", 1954.

CONGREGAÇÃO DE NOSSA SENHORA DE SION

por uma Religiosa de Sion

Maria baixou à terra...

De seu Coração Imaculado, fonte inexaurível de graças, brotou, para a conversão do povo de Israel, a Congregação de Nossa Senhora de Sion.

Inefáveis os desígnios do Altíssimo em seus misteriosos caminhos! Escondidos nos arcanos divinos, os planos providenciais se foram pouco a pouco esboçando, à semelhança dos quatro mil anos de preparação ao advento do Salvador! Enfim, a 20 de Janeiro de 1842, desceu à terra a Virgem Maria, a mais pura e formosa das filhas de Israel.

Maria, mensageira de esperança, escolheu um filho do seu povo para revelar os segredos de Deus: Afonso Ratisbone. Jovem frívolo, fascinado pela felicidade terrena, já assentara a formação de um lar. A escolhida de seu coração era uma sobrinha graciosa e pura, cuja presença lhe elevava o pensamento: nela divisava um anjo do céu.

Embora os afetos de Afonso o prendessem à terra, seu coração se conservara puro. As preces do irmão, Theodoro, subiam incessantes a Deus para que a luz da verdade raiasse naquela inteligência viva e lhe transformasse a alma generosa. A um amigo que se queixava porque suas orações pela família não eram atendidas, respondia Theodoro: "Há 20 anos rezo; nada obtive, eis porque espero ainda!" Deus não tardaria em recompensar tamanha fé...

Uma viagem de recreio levara Afonso a Roma e, na Igreja de "Santo Andréa delle Fratte", onde ficara à espera de um amigo, deu-se o estupendo milagre... Maria Santíssima apareceu-lhe e, com gesto maternalmente imperioso, prostrou a seus pés aquêle Judeu que, poucos minutos havia, conversava alegremente sôbre acontecimentos políticos e reuniões mundanas, acabando por convidar os amigos para a festa de seu próximo casamento.

"Se nêsse momento — escreveu mais tarde Afonso — me tivessem

dito: dentro de um quarto de hora adorarás a Jesus Cristo, teu Deus e Salvador, e, em pobre Igreja, ajoelhar-te-ás aos pés de um sacerdote, numa casa de Jesuitas, onde passarás o Carnaval para te preparares ao Batismo, pronto a te imolar pela fé católica... e renunciarás a tudo, mesmo a tua noiva, à afeição de tua família e à consideração dos Judeus... e só aspirarás a seguir Jesus Cristo e levar-lhe a Cruz até à morte!... Se alguém me tivesse feito semelhante predição, eu só teria julgado um homem mais insensato do que êle, o homem que tivesse crido em tamanha loucura!...".

Essa "loucura" realizou-se na irradiação da luz celeste com que a Virgem Maria iluminou aquêle filho dileto de que fizera o "seu eleito".

Quando, de pé, sôbre o altar de "Santo Andréa delle Fratte", Maria apareceu "esbelta, refulgente, cheia de doçura e de majestade — confessa ingenuamente Afonso — Ela nada me disse, mas, tudo compreendi".

Que tinha êle compreendido? O horror do pecado original, a realidade da presença de Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento; sobretudo, a ternura de Maria, à sombra de cujo altar exclamava: "Aqui sinto-me protegido por imensa misericórdia". Que compreendera ainda? Que o milagre de que fôra objeto devia estender-se a todo o povo de Israel. Pela educação das crianças era mister preparar a grande conversão anunciada por São Paulo, e que, nos últimos tempos, encherá de alegria a Santa Igreja de Deus.

Fato digno de reparo, tal missão, Nossa Senhora a reservara, não a êle, Afonso, porém a Theodoro, seu irmão mais velho; aquêle mesmo cuja conversão despertara em sua alma juvenil tão grande indignação que com êle chegara a cortar relações.

Depois do milagre de 20 de janeiro, à incompreensão e rancor sucedera, no coração de Afonso, imensa e fraternal afeição para com Theodoro. Parte preponderante tinham tido as orações dêle na misericordiosa intervenção da Virgem! Desde então, as almas dos dois irmãos intimamente unidas na fé e no amor de Jesus Cristo vão trabalhar por estender-lhe o reino, sob o dulcíssimo olhar de Maria Imaculada.

Entretanto, ao receber as confidências do irmão, o Padre Theodoro ficou atônito. Julgava-se indigno de ser instrumento de tão grande obra, apesar do chamamento divino que também ouvia no mais íntimo dalma.

Resolveu ir a Roma e expôr ao Santo Padre suas perplexidades. Acolhido com extrema benevolência pelo Papa Gregório XVI, exultou ao ouvir-lhe dos lábios a confirmação do chamado do Senhor, transmitido pelo privilégio de Maria. O Papa o abençôou longa e efusivamente, colocando as mãos sôbre a cabeça do Pe. Theodoro, como que para o investir duma

plenitude de graça correspondente ao apostolado que lhe conferia: "Ite potius ad oves quae perierunt domus Israel".

Chegara a hora das realizações...

De volta a Paris, recorreu àquela donde nos vem o socorro. Ajoelhado ante sua imagem, implorou: "Se fostes vós, ó Maria, que revelastes êsse pensamento a meu irmão, fazei-me conhecer a vontade de Deus por um sinal claramente discernível. Peço que, antes de começar a obra, uma menina israelita me seja apresentada e eu a possa batizar com o assentimento dos pais".

No mesmo dia, recebeu uma carta do Padre Aladel, Lazarista, comunicando que: "Uma Irmã de Caridade descobrira duas meninas judias, cuja mãe moribunda desejava confiá-las a quem lhes assegurasse instrução". Ao ler essa carta, dizia o Padre Theodoro, pareceu-me que a S. S. Virgem respondia à minha oração".

Corria o mês de Agôsto de 1842... em Setembro, foi aberto um pequeno Catecumenato... era a sementinha que devia produzir a árvore frondosa de Sion.

Theodoro Ratisbonne.

Cumpre-nos bosquejar o perfil do escolhido pelo Céu para fundar a obra da conversão de Israel por meio da Congregação que se chamou "de Nossa Senhora de Sion".

Desde a infância, Theodoro revelou inteligência meditativa e profunda, coração amoroso, seriedade austera. Não lhe sorriam as festas; mas, a beleza dos vastos horizontes, das paisagens, a ascensão de altas montanhas o entusiasmavam. Os estudos não lhe inspiravam interêsse; provàvelmente pela maneira árida por que lhe eram ministrados os conhecimentos; muito menos se sentia atraído pelos negócios. Sua alma, porém, experimentava sêde de Amor. Concentrava na Mãe, que para êle personificava o tipo da beleza moral, tôda a sua intensidade de afeto. A virtude, a inteligência e a ternura, sem fraqueza, dêsse admirável tipo de Mãe, tinham deixado cunho indelével no coração de Theodoro. Mesmo à distância, sua lembrança continuava a ser a égide do filho extremoso, preservando-o das seduções dos prazeres de Paris, onde se achava para estudar, longe do lar, sem direção...

Sim, afirmava mais tarde o Padre Theodoro, a religião da piedade filial, em falta de outra, preservou-me dos perigos em que tantas vêzes me achei. Queria continuar digno do amor de minha Mãe! Quando a morte ceifou

aquela vida preciosa, foi indizível a dôr de Theodoro, e, para que com essa morte não se rompessem todos os laços, pôs-se a rezar... Chegou mesmo a tomar por mestre um jovem rabino modernizado; aprendeu o hebráico, e, nessa língua, por desencargo de consciência, fazia longas orações pela alma querida. Não encontrou, porém, o confôrto que esperava. Seu espírito inquieto buscava Deus.

Tinha Ratisbonne 20 anos então, e atravessava terrível crise espiritual, duvidando até da existência do Deus Criador.

Certa noite ao contemplar embevecido o céu esplêndidamente estrelado, extranhou ter podido acreditar que, sem um ser poderoso, inteligente e bom, fôsse possível a existência de tamanha beleza... Do coração irrompeu-lhe prece ardente: "Ser misterioso, Criador, Senhor, Adonai, se existes, tem compaixão da tua criatura, mostra-me o Caminho da Verdade e eu te juro consagrar-lhe a vida". Deus ouviu o grito doloroso daquela alma angustiada. Durante 5 anos, todavia, deixou-a procurar ansiosamente a verdade. E' que o Altíssimo reservava ao Padre Ratisbonne a missão de dirigir almas nas mesmas agonias, e, só quem as tivesse experimentado poderia ser guia bastante seguro e compassivo.

Correram os anos... No tempo fixado pela Divina Providência, serviu-se de Luiza Madalena Humann, admirável cristã, singularmente instruída e piedosa para abrir a Theodoro as portas da Igreja, pelo Batismo. Foi no sábado de Aleluia, 14 de abril de 1827.

Em páginas comovidas, narra o recém-convertido, com que zêlo delicado e rara compreensão essa mãe espiritual o sustentou nas lutas contra a Sinagoga e os seus, tão ardentemente amados! Mulher de têmpera, superior pelo espírito e pelo coração, Luiza Humann exercia, em Estrasburgo, benfazeja influência sôbre um escol de jovens intelectuais. Foi ela quem formou Theodoro à vida cristã e o acompanhou de longe, com maternal solicitude, quando, correspondendo à vocação para o sacerdócio, entrou para o Seminário. Cumpria dêsse modo, o jovem convertido, a promessa feita aos 20 anos: consagrava a existência ao serviço da verdade, tudo lhe sacrificando com inquebrantável fé.

Efetivamente o que, na fisionomia moral do Padre Ratisbonne, mais impressiona é sua fé, simplicidade, espírito de Religião, característicos dos patriarcas, dos quais era filho. A exemplo dêles caminhava diante de Deus filial e respeitosamente entregue a seus desígnios. No fim da vida podia assegurar: "Na minha idade não se crê mais, vê-se!".

O Revmo. Padre D'Angely que de perto o conheceu, dá o seguinte

testemunho: "Revelava sua conversação uma fé de admirável ingenuidade e frescura. Era a fé da primeira hora, que lhe invadira o coração e lhe tinha dado visão infusa das verdades mais profundas da Religião. Só à luz dessa fé, nêle inseparável da confiança, encarava os acontecimentos e os desgôstos pessoais".

Lembrando-se das palavras do Mestre: "Se vos não tornardes semelhantes a criancinhas não entrareis no reino dos céus" tinha-se arraigado o Padre Ratisbonne no espírito da Infância Espiritual.

"Uma criancinha, gostava de repetir, não tem cuidado nem preocupação consigo mesma; fica sossegada nas mãos de Deus e vive de amor e de obediência"; daí seu total abandono. Desejava únicamente conhecer a vontade de Deus para cumprí-la, e só receava agir pela própria iniciativa.

Foi assim que, em todo o correr da organização de Sion, implorou as indicações do Altíssimo e por elas se deixou conduzir. E' digno de nota o que afirma a propósito do Diretório da Congregação, tão lenta e sàbiamente elaborado. "Não há um só ponto dêsse Código Espiritual, por mínimo que seja, que não tenha sido pesado, meditado na oração e, por assim dizer, determinado em íntimo colóquio com Nosso Senhor".

Por isso acrescentava: "Vosso Diretório deve ser para vós o itinerário do céu, o reservatório do espírito de Sion, o caminho traçado para facilitar-vos os progressos. Respondo pela salvação daquelas que o observarem"... Dizia ainda: "Sem a oração, eu não poderia viver".

Era na fonte divina da Sagrada Escritura, e particularmente nos Salmos, que hauria essa oração contínua. Quantas vêzes, com suas Religiosas, meditou êsses trechos inspirados! "Tudo quanto êsse bom Padre dizia de consolador, e com que encanto, sôbre a confiança, o abandono, a caridade, a misericórdia de Deus, experimentara-o primeiro, em sua própria alma, à leitura dos Salmos. Esses Salmos são, por assim dizer, a harpa de vosso Padre, o harmonioso ensinamento paterno conservado no coração das Filhas" (1).

Acima de tudo, estudava o Evangelho, e, quando o comentava, dir-se-ia que tinha convivido com Nosso Senhor: é que o Divino Mestre era o Amigo com quem entretinha constantes relações de admirável simplicidade. Difícil seria exprimir essa vida de união, de adoração que jorrava espontânea de sua alma. Rezava como vivia: "Rezar é amar", dizia êle, e... amava. Tal o motivo de sua devoção por Santa Teresa; existiam reais afinidades de alma entre a dêle e a da grande contemplativa. Passava horas

1) Carta do R. P. Joseph Lemann à Superiora Geral, Madre Marie Rose Valentin.

inteiras diante do altar do Santíssimo Sacramento. Quando celebrava, cada um de seus gestos litúrgicos era uma pregação. Durante sua fervorosa ação de graças parecia perdido na oração. Quantas vêzes se levantava e, por rápido impulso de novo se ajoelhava, recomeçando a ação de graças. Foi a caridade o traço característico de sua fisionomia espiritual. Caridade comunicativa que, unindo todos os corações em contacto com o dêle, os dilatava e tornava capazes de tôdas as dedicações. Bondoso e delicado sabia perdoar, desculpar, mas sua autoridade também se afirmava com fôrça. Não admitia hesitações em face do dever, fôsse êle qual fôsse, e exigia os maiores sacrifícios "como coisa muito natural". Entretanto, compassivo pelos sofrimentos alheios, sabia achar as palavras que pacificam e consolam. Todos os seus atos trescalavam simplicidade. Escrevia o R. P. Pichon: "Jamais encontrei tão impressionante personificação da santidade".

Afonso Ratisbonne.

Natureza de fôgo, que nada fazia pela metade, tal era Afonso Ratisbonne. Obstáculo algum lhe servia de barreira quando visava um nobre fim. Inteligente, vivo, brincalhão, espirituoso, sua conversa era animada e alegre. Aquêles porém, que depois da conversão o conheceram íntimamente, davam testemunho de que sua contemplação interior constante era Jesus Crucificado, abandonado, coberto de opróbrios. Nas penosas viagens que teve de empreender, nas contradições, humilhações e sofrimentos que tanta vez colheu em suas obras, recobrava coragem e alentava os outros, lembrando: "Só há um passo do Calvário ao Céu". Ardentíssima era sua devoção por Maria Santíssima; seu nome bastava para o comover! Fêz dêsse nome — Maria — o seu próprio, quasi com exclusão do outro: Afonso. Tomou-o por escudo. Quando falava da Virgem Imaculada, adivinhava-se que grande era sua emoção, e demasiado intenso seu amor para o poder exprimir!

Nêle, o caráter distintivo foi a humildade, baseada em real desprêzo de si. Quando se referiam ao que fizera por Sion, replicava: "Não, foi meu irmão que fêz tudo; eu só instituí o canto do "Pater dimitte" depois da Elevação, durante a Missa". Aquêle que tivera a ventura de contemplar as mãos dadivosas de Maria, certo, não se poderia deixar prender por coisa alguma dêste mundo. O desprendimento do P. Maria era completo; a pobreza sua companheira inseparável; irresistível o desejo do céu, sobretudo nos últimos anos de vida.

A S. S. Virgem ao transformá-lo por ocasião da aparição de 20 de janeiro, sugerira-lhe dois grandes desejos: suscitar uma obra para a salva-

ção de Israel e fazer subir ao trono de Deus incessante súplica, nos próprios lugares em que o Salvador renegado pelos "seus" e por êles levado à morte, consumira o Sacrifício da Redenção! Súplica incessante para obter graças de perdão; acima de tudo, porém, oração de adoração, de louvor, de reparação, de ação de graças a fim de oferecer ao Senhor o tributo de glorificação que esperava do seu povo e de que êste o frustrara!

Aquêle "Pater dimitte" que havia introduzido em Sion, no momento mais augusto do Sacrifício, anelava o P. Maria fazê-lo repetir, um dia, em Jerusalém. Semelhante esperança, aparentemente irrealizável, fê-lo embarcar, entretanto, em 1855, para a Terra Santa — êsse desejo, por tanto tempo alimentado, tornara-se irreprimível. No ano seguinte, as Religiosas de Sion lá fundavam um convento. Não bastava. O sonho do P. Maria era erigir santuário expiatório na "Via Dolorosa".

"Relede o Santo Evangelho, dizia, e compreendereis que é preciso haja na "Via Dolorosa", almas que amem e reparem". Recorreu ao Senhor: "O' meu Deus, tende piedade de minha impotência e incapacidade, vinde em meu socôrro, encaminhai minhas diligências... mostrai-me, Vós mesmo, o lugar sagrado que destinais às Filhas de Sion, no meio das ruinas de Jerusalém. Maria! intercedei por mim; intercedei por Sion, ó minha Mãe!" Deus, por assim dizer, levou-o pela mão, até descobrir o sítio em que se erguera, outrora, o Pretório de Pôncio Pilatos, onde correra o sangue divino.

Abandonado havia séculos, transformára-se num montão de ruinas... Como explicar que até aquela época ninguém tivesse pensado em adquirí-las? Nos desígnios da Providência, aquêles escombros sagrados deviam ser confiados à piedosa guarda de Sion. Vencendo incríveis dificuldades, conseguiu o P. Maria, delas tornar-se proprietário. Prodígio que lhe fazia exclamar: "Por acaso foi jamais interrompida a cadeia de milagres em pról de Sion?". Enfim, a 20 de janeiro de 1856, durante a noite, no maior sigilo, experimentou a inaudita consolação de celebrar, no meio daquelas ruinas, a primeira Missa pela conversão de Israel! A meia voz cantaram as Religiosas o "Pater dimitte". Em seguida, quis o P. Maria dirigir-lhes algumas palavras: "No santuário expiatório haverá uma inscrição assim concebida: "Recaia teu sangue sôbre nós e nossos filhos, como orvalho de bênçãos"... quis continuar, os soluços embargaram-lhe a voz...

Naquêle precioso solo era mister construir. Ora, não só o Pe. Maria achava-se sem recursos, mas, até crivado de dívidas, contraídas para a compra do terreno. Não desanimou e prometeu a Nosso Senhor não ter descanso

até o término de sua tarefa. Só Deus sabe o que lhe custou o cumprimento de tal promessa... Que lhe importava isso, se afinal, o Santuário, que havia de ser a Basílica do Ecce Homo, foi inaugurado a 3 de abril de 1868 — festa da Compaixão de Nossa Senhora! Foi um dos mais belos dias da vida do Pe. Maria!

Pouco depois, fundava êle, um segundo convento de Sion, em São João in Montana, hoje Ain Karem, no sítio encantador em que se deu a "Visitação", de acôrdo com a Tradição. Foi ali que Maria cantou o seu "Magnificat" e o "seu eleito" subiu ao céu! O Magnificat foi o canto perpétuo do coração agradecido do Pe. Maria; na hora suprema, luz misteriosa iluminou o quarto, quase às escuras (2), irradiando-se no rosto do moribundo. Seus olhos abriram-se cheios de vida e de felicidade. Primeiro, exprimiram surpresa, depois embevecimento. Durou apenas 3 minutos êsse êxtase; em seguida os olhos fecharam-se e, sem esfôrço, suavemente entregou a alma ao Criador.

Pouco antes, dissera o bom Pe. Maria: "Deus me é testemunha, ofereço minha vida pela salvação de Israel". Era o dia 6 de maio de 1884, dia em que a Santa Madre Igreja comemora o martírio de São João Evangelista diante da Porta Latina. Repousa o Pe. Maria no cemitério das Religiosas, em São João in Montana, em frente ao lugar em que a S. S. Virgem cantou o "Magnificat", sob a proteção daquela de quem dizia: "Maria no comêço, Mario no meio, Maria no fim; sempre Maria!". A imagem da Virgem que o protegeu na vida e na morte, e sob cujos auspícios foi para o céu, domina-lhe a sepultura, onde se lê simplesmente: "Padre Maria" e a data de 6 de maio de 1884. No pedestal da estátua está gravado o seguinte: "O' Maria! lembrai-vos de vosso filho, doce e gloriosa conquista de vosso amor!" (3).

O coração do servo de Maria está na Basílica do Ecce Homo, vivo testemunho do seu amor por Jesus Cristo.

De fisionomias diferentes, têm os dois irmãos, entretanto, as mesmas linhas mestras de caráter. Como o Pe. Theodoro, o Pe. Maria lembra as grandes figuras bíblicas. São verdadeiros Israelitas "em cujo coração não há artifícios" e realizam a esplêndida descrição do Cardial Pie sôbre a espiritualidade dos Santos da Antiga Lei: "O que é notável nos Patriarcas é o espírito de infância, de abandono, de simplicidade. O cunho de sua

---

2) O R. P. Maria sofria de uma oftalmia que não suportava a luz.
3) Palavras do Mons. Dupanloup no sermão pronunciado em Roma, por ocasião do batismo de Afonso Ratisbonne, em 31 de janeiro de 1842.

personalidade é de se deixar empolgar por Deus e por Ele ser absolutamente dominado. Nada de sistemas, de combinações, de arranjos em sua santidade... caminham conforme Deus os dirige. À voz de seu Anjo, sòmente sabem responder "Adsum"! Escolhidos para uma obra comum, os dois Irmãos Ratisbonne completam-se admiràvelmente.

A sábia prudência do Pe. Theodoro tempera, no Pe. Maria, os ímpetos de uma natureza entusiasta e empreendedora. Na família religiosa de Nossa Senhora de Sion, o primeiro foi o fundador, legislador, pai das almas. Sion deve-lhe sua Regra e seu Espírito. Do segundo, recebeu as inspirações do Céu para fazer conhecer ao Pe. Theodoro o que dêle Deus esperava. Nos primeiros tempos de Sion o Pe. Fundador nada fazia sem ouvir o Irmão. Foi por iniciativa do Pe. Maria que Sion estabeleceu em Jerusalém o centro da oração reparadora. A Basílica do Ecce Homo realizou o mais íntimo desejo de sua alma: um santuário de expiação e de amor na Via Dolorosa.

A Congregação.

"Sob a inspiração da Virgem Imaculada, na sua aparição de 20 de janeiro de 1842, começara no ano seguinte, humilde catecumenato, isto é, uma casa em que jovens Israelitas deviam ser instruidas em vista do Batismo e de uma educação cristã. Não cogitava, então, o Pe. Theodoro em fundar uma Congregação Religiosa; queria, apenas, reunir católicas dedicadas que se consagrassem à conversão de Israel, sem excluir a de herejes, cismáticos e infiéis. Eis os lineamentos por êle traçados para lhes orientar as atividades: "As Senhoras que se consagram a esta obra de misericórdia, vivem em comunidade, sob uma regra que deve reproduzir o espírito da primitiva Igreja. Obedecem a uma Superiora por elas escolhida, sem se ligarem por votos; pondo entretanto, em comum seus rendimentos. Deve sua vida ser ao mesmo tempo ativa e contemplativa... pois a oração é o meio mais seguro de ação sôbre as almas. A caridade lhes será o sinal distintivo... porque o amor é o princípio de grandes coisas e alimenta-se de dedicação, abnegação e santas esperanças. Eis os meios para atingir o fim proposto:

1.° — União e associação de orações pela conversão dos Judeus;

2.° — Penitências e comunhões regulares para obter o mesmo fim;

3.° — Relações a estabelecer com as famílias judias para lhes levar consolação e luz;

4.° — Criação de casas maternais para a educação gratuita de meninas israelitas que, depois do Batismo, nelas poderiam encontrar uma família espiritual.

Outros estabelecimentos distintos, que concorram para o mesmo fim, poderão vir a ser entrosados na obra, tais como: colégios para jovens cristãs, escolas, orfanatos e oficinas para moças pobres. Sion abraça com fervor as obras de caridade que se prendem à educação sem a afastarem do fim principal. Vós semeais obras em tôda parte, dizia o Pe. Theodoro, porque, estando os restos de Israel dispersos pelo mundo inteiro, deveis estar sempre prontas para acolhê-los, instruí-los e lhes abrir os caminhos da Igreja".

Pio IX, em Breve laudatório (1857) reconheceu oficialmente a obra, cuja transformação em comunidade religiosa, lenta e sàbiamente preparada, se realizou em dezembro daquele mesmo ano. Em 1863 (8 de setembro) dias antes da promulgação do decreto de aprovação das constituições, êsse grande Papa, recebendo o Fundador em audiência privada, com êle se entreteve paternalmente. Pronunciou, então, aquela frase memorável: "Sion é um paraíso" e, depois, repetiu ainda: "Sion deve ser o céu na terra". Ao que o Pe. Ratisbonne respondeu: "Santo Padre, é a caridade que opera êsse prodígio".

Dez anos mais tarde, a 14 de dezembro de 1874, o mesmo Papa Pio IX confirmava definitivamente a aprovação de nossas Constituições.

Sob o olhar vigilante do Fundador, mas desde então sem sua interferência direta, a Congregação se foi desenvolvendo e governando por si mesma. Como o Senhor, depois da Criação, o Venerável Padre, pôde dizer, ao considerar sua obra: Tudo está bem. E fêz votos para que crescesse e se multiplicasse na fidelidade ao espírito e à Regra de Sion. Essa Regra admirada e louvada por eminentes religiosos de várias Ordens, é "uma das mais austeras em sua simplicidade", segundo o parecer da Madre Maria Alphonse, Mestra de Noviças da Congregação, durante mais de 30 anos. Tem êsse testemunho alto valor, por ser ela grande conhecedora das mais notáveis Regras Religiosas. Atualmente a Congregação de Nossa Senhora de Sion tem 50 casas espalhadas pelas cinco partes do mundo e conta perto de 2.000 religiosas. Havia o R. P. Theodoro previsto a fundação de Conventos de Contemplativas (4) que num silêncio mais estrito se consagrariam à penitência e à oração para alcançar a conversão de Israel. Tal desejo foi realizado em 1927, sob o generalato da Rvma. Madre Marie Gonzalès.

O pequeno grupo das Religiosas fundadoras do ramo contemplativo foi reunido em Grandbourg, onde se tem desenvolvido num fervor digno de sua missão.

---

4) Vida contemplativa — Constituições da Congregação de Nossa Senhora de Sion, pág. 18.

Um segundo Convento foi colocar-se à sombra da Gruta de Massabielle, em Lourdes. Sion conserva carinhosamente, até que a possa cumprir, a idéia de seu Fundador, que, ao consignar na Regra a esperança de um ramo de Religiosas Contemplativas, designou, quando fôsse possível, Jerusalém, como lugar por excelência em que se deve expandir a reparação e o amor de Sion. Nos desígnios de Deus, pressentidos, parece, pela grande alma do R. P. Ratisbonne (5), o apostolado da Congregação devia ainda ser ampliado. Eis que no país de Jesus, uma obra recente: As Ancilas de Nossa Senhora da Palestina, fundada em Jerusalém, em vista do apostolado direto dos Judeus, pediu sua encorporação à Congregação, em 1936, no generalato da Revma. Madre Marie Amédée; assim foram completadas, providencialmente, as atividades de Sion, de acôrdo com a intuição do R. P. Theodoro Ratisbonne.

Enquanto no interior de seus conventos, as Religiosas semi-enclausuradas continuam sua bela missão de Educadoras, vão as Ancilas em busca das "Ovelhas de Israel" esforçando-se por atraí-las pelo seu interêsse e viva caridade. Ambas se apoiam na oração adoradora das Contemplativas, que contínuamente aos pés de Jesus Eucaristia, obtêm as graças mais assinaladas para as obras da Congregação. Os 3 ramos de Sion, sob a obediência da mesma Superiora Geral, fortemente unidos pelo mesmo fim, vivem do mesmo espírito, observando as linhas mestras traçadas nas Constituições pelo Fundador: Caridade e Simplicidade.

Espírito da Congregação.

A vocação Sionense é vocação de amor.

Seu fim especial é a "santificação dos filhos dispersos da Casa de Israel", que, amados por Deus com indizível predileção, deram à Igreja os primeiros apóstolos e os maiores santos. Mas, ai! transviada por chefes indignos, a maioria dêsse povo escolhido desconheceu o Salvador, renegou-o, exigindo-lhe a morte! Como representantes de Israel sempre amado, embora ingrato, as Religiosas de Sion têm por missão corresponder à preferência divina por um amor tal, que console o Coração de Jesus, e prepare graças de escol para a conversão dessas almas cegas e rebeldes, porém, sempre queridas! Da Cruz, onde morreu Jesus Cristo, cuja condenação foi resumida naquela inscrição: "Jesus Nazareno, Rei dos Judeus" baixou a

---

5) Efetivamente, no esbôço traçado por êle em 1843, há êste parágrafo: "Relações a estabelecer com famílias judias para lhes levar consolação e luz".

palavra de perdão: "Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem". Repetida pelas Filhas de Sion no momento mais augusto do Santo Sacrifício da Missa, o "Pater Dimitte Illis" implora a conversão de Israel, ecoando nos cinco continentes. As Filhas de Jerusalém, que O acompanharam ao Calvário pela Via Dolorosa, ordenou Jesus que chorassem sôbre si e sôbre seus filhos. A elas se prende, por elos imperceptíveis, nossa Congregação, herdeira de seu espírito e vocação, perpetuando-lhes o apostolado.

"Os restos de Israel só foram miraculosamente conservados, através das vicissitudes dos séculos, porque Deus lhes reserva larga e derradeira misericórdia. Tempo virá em que Israel dará nova glória à Igreja... é o ensinamento dos Apóstolos e dos Santos Padres" (6).

Tal a esperança do apostolado sionense.

Para atingir êsse "desideratum" a Congregação formada pelo R. P. Theodoro assenta sôbre dupla base: ação e oração. Foi pois, na união inseparável da vida ativa e da vida contemplativa, completadas uma pela outra, que o Fundador procurou os traços, cuja harmonia realiza o tipo da Religiosa de Sion. Êsse ideal se lhe apresenta nas duas irmãs de Betânia. Martha e Maria Madalena, em quem o Evangelho personifica a dedicação e o trabalho da santificação pessoal; o amor da vida interior e a intrepidez do apostolado.

---

6) Vida do R. P. Theodoro Ratisbonne, 2.° vol., pág. 76.

COMUNICAÇÕES

CURSO PARA PROFESSÔRAS DE JARDINS DA INFÂNCIA E CLASSES PRELIMINARES

No dia 15 de julho, terá início um curso especializado para as religiosas que lidam com crianças na primeira infância (de 0 a 7 anos).

Êsse curso, promovido pelo Curso para Educadoras da Infância, vem responder a um apêlo feito por algumas religiosas, confirmado pelo Secretário Geral da Conferência.

As aulas serão na parte da manhã, das 9 às 11.30 horas, à Rua São Clemente, 117, Colégio Jacobina.

Após as aulas teóricas, cujo programa daremos a seguir, haverá uma parte prática, de hora e meia.

Essas aulas práticas serão em grupos de 25, no máximo, e versarão sôbre: 1) trabalhos manuais, 2) musicalização, 3) jogos.

A inscrição deverá ser feita antes de 15 de junho, a fim de que se possa providenciar essa divisão em grupos, conforme a especialização que cada uma desejar fazer.

PROGRAMA

JULHO

Prof. **Odinéa Sócrates de Amorim.**

1 — O papel da segurança no desenvolvimento afetivo-emocional da criança.

Prof. **Pierre Weil.**

2 — A agressividade infantil e como manejá-la.

Prof. **Tereza Lemos.**

3 — A canalização das energias da criança.

Prof. **Juracy Silveira.**

4 — A socialização do pré-escolar.

Prof. **Mère Maria Cristina.**

5 — A importância do jôgo no desenvolvimento da criança.

Prof. **Noemy Silveira Rudolfer.**

6 — Problemas mais comuns na infância: o furto, a mentira, o ciume, etc.

Condições de pagamento: Cr$ 250,00.

Na semana anterior a êsse curso, haverá uma "Semana de Estudos", onde falarão especialistas, cujos trabalhos são preparatórios para a 7.ª Assembléia Mundial da O. M. E. P.

Deverão falar os seguintes professôres:

1 — Prof. Pierre Weil — Experiências sôbre a formação de estruturas mentais na idade pré-escolar, condicionando a evolução posterior das operações lógicas.

2 — Prof. **Eny Caldeira** — Atividades criadoras da criança.

3 — Prof. **Noemy S. Rudolfer** — Organização do trabalho escolar em relação com as necessidades da criança.

4 — Prof. **Enzo Azzi** — Relações entre a família e os diversos ambientes nos quais a criança deve viver.

5 — Dr. **Pedro Ferreira** — O desenvolvimento emocional da criança na escola.

6 — Prof. **Ofélia Boisson** — A importância da educação pré-escolar na formação do caráter.

7 — Prof. **Odinéa Sócrates de Amorim** — A educação como obra de unidade e continuidade.

Também teremos a colaboração de **D. Corina Castilho Cabral, D. Maria Isabel Pitombo, D. Sarah Dawsey.**

A inscrição para essa semana será de Cr$ 100,00.

Contamos com a presença das Reverendas Religiosas, também, para êsses dias de estudo, pois os temas que serão tratados são de grande importância para sua tarefa de educadoras da primeira infância.

Laura Jacobina Lacombe

A P E L

A ASSISTÊNCIA POPULAR EDUCATIVA AO LITORAL, teve início em caráter particular, sob a direção da Congregação das Religiosas de São José, em Paranaguá (Paraná), já em fins de 1954.

Como entidade organizada e reconhecida, porém, inaugurou-se no dia 11 de fevereiro de 1955.

Nós constatamos e vimos a urgente necessidade de assistência.

O primeiro passo, a ser dado, seria o do **estudo da situação e verificação da zona e suas necessidades.**

Não foi difícil a constatação. Feito isso, concluiu-se da real necessidade da educação sucessiva de grupos de jovens que seriam como "porta-vozes" do reerguimento do nível social da zona.

Segundo passo — proceder à instalação de uma sede equipada para o recrutamento dos referidos grupos de jovens, sob o regime de internato.

Foi cedido para êsse fim, parte do Educandário São José, sito em Paranaguá, dirigido pelas Irmãs de São José. Nossa situação financeira sendo precária torna-se um tanto pesado e difícil sustentar e manter essas jovens que necessitam de tudo.

Terceiro passo — elaborar um programa eficiente e realizável para essas jovens.

Quarto passo — que deveria ter sido o primeiro se as Religiosas não contassem com a Providência Divina que sabe tão bem suscitar corações generosos... providenciar a manutenção da Obra. Nêste particular, a Obra foi temerária aos olhos prudentes do homem... Começou apenas com muita boa vontade das Irmãs... Logo mais Sua Excia. Revma. Dom Manuel da Silveira D'Elboux obteve um donativo de sessenta mil cruzeiros. Serviu para iniciar.

Não tendo a obra patrimônio, as Dirigentes esperam compreensão e auxílio...

Elas têm confiança... Uma visita aos núcleos litorâneos e suas ilhas despertaria, talvez, o interêsse dos que podem minorar a sorte dêsses infelizes praianos. E poder-se-ia calcular a soma de sacrifícios e abnegação que a Obra requer.

A primeira turma constou de 10 mocinhas que após seu preparo, voltaram satisfeitas a seus lares, onde vão transmitir a boa nova em seu meio familiar e social.

A segunda turma consta de 19 moças. São tôdas das ilhas: Tagaçaba, Piaçaguera, Tiaquí, Guaraqueçaba, Ilha das Peças, e Colônia Quintilha.

E as nossas caboclinhas, chorosas e profundamente desconfiadas, a maioria vestidas à metade, estranhando todo e qualquer objeto de trabalho ou de conforto, sem noção alguma de higiene... e de elevação espiritual... vão se adaptando devagarinho...

Com essa bagagem de miséria as Mestras educadoras vão com paciência e bondade, descobrindo o tesouro de uma alma espiritual, e irão transformá-la em boas donas de casa e elementos úteis à nossa terra e à sociedade.

O Diário Oficial do Estado, do dia 8 de Julho de 1955, veio nos certificar que foram registrados os Estatutos da presente Obra.

Finalidades da Assistência Popular Educativa ao Litoral — A.P.E.L.

O lavantamento do padrão de vida no litoral, através da juventude feminina.

Estas, vieram a fim de receberem cursos intensivos de formação intelectual, social e religiosa e cuidados especiais para o revigoramento de sua saúde.

Há aulas teóricas e práticas. Para as aulas práticas, são divididas em turmas. Umas trabalham na lavanderia, outras na cozinha, no jardim e na limpeza da casa, etc.

No período da tarde, aulas de corte, costura e instrução do curso primário.

Já passaram por êste Estabelecimento em 1955 vinte e sete moças.

No decorrer do ano de 1956 fizeram seu estágio de 6 mêses na A. P. E. L. 38 jovens provenientes de diversas zonas do nosso Litoral e de suas proximidades.

Tôdas voltaram para seus lares com novos conhecimentos e cheias de entusiasmo para começarem uma nova vida.

Retiro para Religiosas

Desde já aceitam-se inscrições para o Retiro de Religiosas, a ser realizado no Convento de Nossa Senhora do Cenáculo, Rua Pereira da Silva, 135 — Tel. 25-8133, do dia 5 a 13 de julho.

O retiro será pregado pelo Revmo. Pe. Tarcísio Camargo de Barros S. J. — Estadia: interna: Cr$ 80,00 de diária; semi-interna Cr$ 45,00.

CORRESPONDÊNCIA DAS SECÇÕES ESTADUAIS DA C.R.B.

MANAUS

"... A Conferência em Manaus está funcionando. Na última reunião estabelecemos formar uma Sala Catequética da Conferência, nas Dorotéias, com a contribuição de tôdas as casas Religiosas. Levantamento do ensino em todos os grupos e colégios leigos para verificar como está o ensino religioso e providenciar catequistas. Formar uma biblioteca catequética, possívelmente com tôdas as obras accessíveis a catequistas. Dar, em julho, um curso de Assistência Social. Temos duas Irmãs fazendo curso de enfermagem, vamos aos poucos nos organizando. Rezem por nós para que possamos fazer alguma coisa por nossos irmãos...".

FORTALEZA

Na Semana de Estudos realizada nesta cidade foi eleita a nova Diretoria da Secção Estadual, a qual ficou assim constituida:

Presidente: Revmo. Pe. Monteiro da Cruz S. J.
Secretária: Irmã Joelina Soares e Sá M. J. C.
Tesoureira: Irmã Ribeiro F. C.
Conselheiros: Revmo .Frei Tomás de Stezzano O. F. M. Cap.
Revmo. Padre Franciscano.
Conselheiras: Madre Angélica Maria de Fortaleza Terc. Cap.
Madre Olvídia Dias R. S. D.

CURITIBA

"... Aqui tudo bem, graças a Deus. Nossas atividades, durante êste ano, além das de costume, são as seguintes:

1) Curso Superior de Religião para as Religiosas. Teve início no mês de março; terá a duração de 3 anos, com aulas semanais. As alunas dêste primeiro ano são 48, tôdas de nível ginasial ou normal.

2) Mensalmente há um dia de formação espiritual, ética e profissional para religiosas enfermeiras.

3) O Departamento de Serviço Social está preparando um curso intensivo de Administração de Obras, para o início de Maio próximo, ministrado por Da. Araci. E outro Curso de formação para Irmãs Cosinheiras, com aulas semanais durante o trimestre agôsto-outubro.

Como vê, a nossa Secção está, graças a Deus e à cooperação sempre

pronta das Religiosas, em franca atividade. Que Deus e a Virgem Mãe nos dêem luz e fôrça para continuarmos neste magnífico trabalho de prepararlhes nas almas religiosas instrumentos sempre mais aptos para o grande trabalho da salvação das almas...".

NOVAS FUNDAÇÕES

São Vicente de Minas, Minas Gerais — A Prefeitura Municipal oferece a direção do Hospital local São Vicente de Paulo a uma Congregação Religiosa. O Hospital já está em funcionamento, mas torna-se necessária a presença de Religiosas para o melhor desenvolvimento, seja técnico que religioso.

Campestre, Minas Gerais — Município com 23.000 habitantes, a 1.200 m. de altitude, a 45 Km de Poços de Caldas, com facilidade de comunicação aérea ou rodoviária para Rio, Juiz de Fóra, Caxambú, Belo Horizonte. O Prefeito Municipal oferece a Religiosos o Ginásio Rui Barbosa, já em funcionamento, em prédio provisório, com os dois primeiros anos. E' propriedade particular, sociedade civil sem fins lucrativos. A Prefeitura dá o terreno e a cidade se compromete a construir o edifício novo.

REVISTAS E BOLETINS ENVIADOS A REDAÇÃO

Lumen Vitae. Revue internationale de la formation religieuse. Centre International d'études de la formation religieuse. 184, rue Washington, Bruxelles — Belgique.

Revista das "Semanas Eucarísticas". Publicação trimestral. Rua Sta. Ifigênia, 44 — São Paulo.

O Mensageiro de Nossa Senhora de La Salette. Revista mensal religiosa ilustrada. Seminário Apostólico Nossa Senhora da Salette, C. P. 9, Marcelino Ramos — RS.

Pastôra das Missões. Órgão bimestral da Associação Missionária Divina Pastora — Propriedade da Ordem dos Missionários Capuchinhos. Av. Brigadeiro Luís Antônio, 2.071 — São Paulo.

Verbum. Revista trimestral. Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Santo Antônio. Órgão da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil — Recife.

O Pio Brasileiro. Revista do Colégio Pio Brasileiro, Via Aurelia, 527 - Roma.

Dom Vital. Revista de cultura franciscana e da causa de D. Vital. Padres Capuchinhos — Recife, PE.